

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

303

Mês: Novembro

Ano: 2024

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Antonio Cicero guardado para sempre

Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2017, sétimo ocupante da cadeira nº 27, na sucessão de Eduardo Portella, Antonio Cicero morreu aos 79 anos, em Zurique, na Suíça, onde estava ao lado do marido, o figurinista Marcelo Pies. (Por Manoela Ferrari – pág. 10 e 11)

Uma sucessão de eventos marca, com brilho, os 60 anos de existência do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Trata-se da maior ONG brasileira, envolvendo milhões de jovens que, graças ao CIEE, estão tendo a oportunidade do primeiro emprego. No caso da entidade, no Rio de Janeiro, caracteriza-se por um grande empenho na Assistência Social. É um setor no qual se destaca de forma ímpar. Sempre que possível, estamos colocando luz nas atividades patrióticas do CIEE. E seguiremos dentro dessa trilha.

O EDITOR



O acadêmico Arnaldo Niskier, com a esposa Ruth, a filha Andreia e o genro Isio Ghelman, além das netas Dora Tenenbaum e Bruna Flanzer, que foram homenageá-lo na entrega do Prêmio Professor Emérito, em São Paulo. (Matéria da página 18).

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

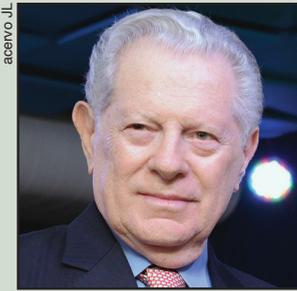
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Professor Emérito do CIEE

Foi uma honra receber, no Teatro do CIEE de São Paulo, o Prêmio Professor Emérito – edição de 2024. Fui eleito por um júri qualificado, constituído pelos Conselhos do Centro de Integração Empresa-Escola e pela diretoria do jornal *O Estado de São Paulo*. Na ocasião, também foi homenageada a professora Laura Laganá, diretora do Centro Paula Souza, renomada educadora paulista, que ficou com o Prêmio Guerreiro da Educação.

Desde a sua criação, o Prêmio Professor Emérito foi concedido a personalidades como a professora Ruth Cardoso, a ex-Ministra Esther Figueiredo Ferraz, o professor Miguel Reale, o acadêmico Celso Lafer, o acadêmico Evanildo Bechara, o ex-ministro Delfim Neto, o professor Paulo Nathanael e, entre outros, o professor Vahan Agopyan, hoje secretário de Ciência e Tecnologia de São Paulo, que fez a oração de saudação à premiação deste ano. Na ocasião, disse que são duas referências nacionais quando se fala em educação. “Tudo que eu disser sobre Arnaldo Niskier será pouco. Seria bom se tivéssemos dezenas de professores Niskier, pois assim a educação seria melhor e a sociedade teria uma vida mais digna. Concordo com o seu pensamento de que a nossa educação precisa ser modernizada, com o emprego de tecnologias como a inteligência artificial. Ela é revolucionária e veio para ficar. Mas é preciso evitar as alucinações que devem ser corrigidas.”

O diretor de jornalismo do Grupo Estado, Eurípedes Alcântara, ressaltou que os homenageados “são exemplos vivos do que é possível quando se almeja um país mais justo, mais culto e mais preparado para o futuro”. Ressaltou que os prêmios são “a expressão de gratidão e de reconhecimento a quem faz a diferença na vida de milhares de jovens e adultos através da educação”. E para concluir a bela cerimônia, falou o CEO do CIEE, Humberto Casagrande: “Quem compartilha o que sabe muda a história de quem aprende.” Elogiou também o Centro Paula Souza, notável na aplicação do ensino profissional e técnico, em nosso país.

“A esperança é o sonho do homem acordado.”

Aristóteles

Paisagem e Memória de Cristina Canale na Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari

Fotos: Selmy Yassuda



Exposições paralelas comemoram 40 anos de carreira de Cristina Canale na Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho.

O público tem até o dia 17 de novembro para visitar, na Casa Roberto Marinho, no Cosme Velho, Rio de Janeiro, duas exposições simultâneas em torno da artista plástica carioca Cristina Canale, comemorando as quatro décadas de carreira da pintora, radicada há mais de 30 anos na Alemanha.

As mostras paralelas centram-se em dois atos. A exposição *Paisagem e memória*, no térreo, apresenta a faceta curadora de Cristina Canale, que multiplica os olhares sobre a Coleção Roberto Marinho, estabelecendo uma ponte entre diferentes períodos da arte.

Ocupando quatro salas, a seleção de cerca de 40 obras compõe o que Canale chama de “inconsciente estético”, transformando o espaço em uma colagem de memórias e afetos. Elementos estéticos e temáticos criam um fio condutor que dá o tom da conversa entre os diferentes artistas.

Na primeira sala, o volume é o ponto em comum entre as obras. A segunda sala realça texturas através da série de desenhos (*Sem título*, 1940) em que Guignard representa a vegetação do Jardim Botânico; da grandiosa tela *O riacho* (1986), de Jorge Guinle; e da autoral *Estudo cinza sem você* (1986). Também são exibidos alguns desenhos de observação de Cristina, feitos em papel na década de 1980, a partir de paisagens cariocas.

A terceira sala é regida pelos contrastes. Na última sala, Canale propõe um diálogo com os jardins da Casa. Para isso, abre as janelas para as plantas e flores pintadas por Burle Marx (*Sem título*, 1941) e Guignard (*Sem título*, 1936-1937). Completam a seleção uma serigrafia ornamental de Luiz Aquila (*Em casa*, 2017) e uma escultura de Frans Krajcberg (*Sem título*, 1971).



A exposição *Dar forma ao mundo* traduz as diferentes fases da trajetória de Cristina Canale, ao longo de quatro décadas na pintura.

Cristina Canale: dar forma ao mundo

Em *Dar forma ao mundo*, a curadoria de Pollyana Quintella se propõe a traduzir as diferentes fases da trajetória da artista, através de cerca de 50 obras.

Ao longo dessas quatro décadas, Canale usou as telas, tintas e pincéis para resolver questões subjetivas por meio de sua prática. Como resume Quintella em seu texto de apresentação, a artista vem transitando “da pintura matérica à linha, da linha à forma, da forma ao mundo”.

Orientado por essas fases de trabalho, o recorte curatorial é fisicamente conduzido pela arquitetura da Casa Roberto Marinho, cujo hall do primeiro andar marca o início e o fim da exposição. São sete salas que se interligam de forma circular e segmentam em capítulos os diferentes períodos da pintura de Canale, dando conta da transformação dos processos artísticos.

Apesar de traçar uma linha do tempo, *Dar forma ao mundo* leva o público a desviar o olhar através de pequenas fendas, onde se inserem trabalhos de períodos diferentes.



O recorte curatorial da mostra é fisicamente conduzido pela arquitetura da Casa Roberto Marinho.

Sobre Cristina Canale

Carioca, nascida em 1961, Cristina Canale ingressou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no início dos anos de 1980, quando a pintura se firma como a linguagem por excelência da nova geração.

Em 1984, a participação na mostra *Como vai você, Geração 80?* marca o início de sua trajetória profissional. Seus primeiros trabalhos são colagens sobre papel com figuras femininas. Tendo como referências a paisagem carioca, a arquitetura urbana e imagens da história da pintura, produz, no fim da década, grandes telas com forte carga matérica.

Em 1993, em busca de novos desafios, muda-se para a Alemanha. Estuda em Düsseldorf e se instala em Berlim, onde vive até hoje. Sua obra passa por uma mudança radical. A densidade das telas anteriores cede lugar a espaços fluidos. As formas passam a estruturar a superfície, juntamente com a cor.

Nos anos 2000, conduz seu trabalho como uma investigação permanente e assim problematiza dicotomias inerentes à história da pintura, como a abstração e a figuração, diluindo seus limites.

Ao retomar a figura feminina, em tempos mais recentes, interroga o conceito do retrato, tradicional gênero pictórico, ao mesmo tempo que introduz novos materiais e formas de trabalhar as superfícies, num incessante movimento de experimentação e reflexão, simultaneamente visual e profundamente intelectual.

SERVIÇO:

Paisagem e memória, um olhar sobre a coleção Roberto Marinho (térreo)

Curadoria: Cristina Canale

Cristina Canale: dar forma ao mundo (1º andar)

Curadoria: Pollyana Quintella

Encerramentos: 17 de novembro de 2024

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105 – Rio de Janeiro | RJ

Tel: (21) 3298-9449

Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.)

● **MEMBRO DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS**, da Academia Cearense de Letras e da Academia de Letras do Brasil, Edmilson Caminha, 72 anos, recebeu o Prêmio Lusofonia 2024 – Prêmio Especial Língua Portuguesa. É o chamado Prêmio Gala da Lusofonia, instituído pela Associação Internacional da Língua Portuguesa – AILP.

● **COM TEXTO DE ORELHA** da acadêmica Heloisa Teixeira, a poeta Luiza Mussnich lançou seu terceiro livro: *Todo o Resto é Muito Cedo* (Ed. Bazar do Tempo).

● **VENCEDOR DO PRÊMIO Unesco de Literatura Infantil e Juvenil** em prol da tolerância, *A Redação*, de Antonio Skármeta, ganhou nova edição da editora Record, com ilustrações de Walter Lara. A tradução é da acadêmica Ana Maria Machado.

● **FOI LANÇADA NA BIBLIOTECA Nacional de Portugal** a obra *Luís de Camões, Fabuloso e Verdadeiro*, de Aquilino Ribeiro, com prefácio de António Valdemar e capa de Alvaro Carrilho.

● **CARTAS PERTO DO CORAÇÃO** (Ed. Record) reúne correspondência que ressalta a amizade entre Fernando Sabino e Clarice Lispector. A edição especial, com capa dura, tem projeto gráfico da designer Luciana Facchini, e inclui prefácio inédito da professora Nádia Gotlib.

● **NELSON MOTTA FAZ UMA JORNADA** nostálgica ao Rio de Janeiro dos anos 1960 em *Corações de Papel*. O livro tem como eixo as cartas que ele escreveu a um amor da juventude, entre 1964 e 1965.

● **LANÇADO POR JOÃO BARONE**, *1, 2, 3, 4! Contando o Tempo com Os Paralamas do Sucesso* (Máquina de Livros), traz relatos inéditos sobre a vida do músico e a trajetória da banda nestes quarenta anos de estrada. O prefácio é do jornalista, cineasta e produtor José Emilio Rondeau.

● **ROMANCES DE CORDEL** (Ed. Record) demonstra a habilidade do saudoso acadêmico Ferreira Gullar, um dos maio-

res escritores brasileiros, em unir poesia e luta política, revelando parte da produção artística do CPC, grupo determinante para a cultura brasileira do século XX. A edição traz xilogravuras de Ciro Fernandes feitas especialmente para o livro.

● **UM DOS ESCRITORES MAIS POTENTES** da literatura brasileira contemporânea, Rafael Gallo retorna ao seu gênero literário de origem com o livro de contos inéditos *Cavalos no Escuro* (Grupo Editorial Record).

● **EM NO MURO DA NOSSA CASA** (Ed. Bazar do Tempo), Ana Kiffer constrói um diálogo fictício entre mãe e filha, a partir de documentos reais e acontecimentos vividos pela família da escritora durante a ditadura.

● **ESTAÇÕES** (MODERNA), do premiado Daniel Munduruku, lembra ao leitor que olhar para o tempo das coisas da natureza – que brotam, florescem e fenecem – ajuda a compreender o tempo da vida.

● **SOLUÇÕES BÍBLICAS PARA O DILEMA DO DIVÓRCIO** (Ed. Autografia), do jurista e teólogo Adriano José de Oliveira, oferece uma análise inovadora do tema à luz das escrituras sagradas

● **ABRAÇO**, NOVO LIVRO DO ESCRITOR português José Luís Peixoto, – vencedor dos prêmios literários José Saramago (2001) e Oceanos (2016) – chega às livrarias no Brasil pela editora Record.

● **EM SEU PRIMEIRO LIVRO** publicado no Brasil, *Amor sem Freio* (Intrínseca), Simone Soltani une duas grandes paixões: Fórmula 1 e uma boa – e picante – história de amor.

● **CASA DE FAMÍLIA** (Companhia das Letras), novo romance de Paula Fábria, busca entender grandes temas do Brasil contemporâneo, desde os resquícios da escravidão até as origens da ideologia de extrema-direita.

● **CASARÃO HISTÓRICO** ABERTO a quem mais precisa é retratado em *A Casa da Mãe dos Homens* (Ed. Telha), de Ione Mattos. O romance traz para

“CÂNDIDO ou O OTIMISMO”



o centro da narrativa a diversidade dos corpos e as feridas dos julgamentos sociais.

● **ESCRITO POR ANA MARGARIDA DE CARVALHO**, uma das mais aclamadas autoras da literatura portuguesa contemporânea, chega ao Brasil *O Gesto que Fazemos para Proteger a Cabeça* (Ed. Dublinense) que foi finalista do Prêmio Oceanos 2020.

● **EM PARA ALÉM DAS MARGENS – A ITÁLIA DE ELENA FERRANTE** (Bazar do Tempo), Isabela Discacciati diseca também sua própria história e a relação estabelecida por leitoras e leitores com a vasta obra da autora italiana.

● **PARTINDO DE UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO**, *A Viagem de Hanno e Ganda* (Peirópolis), escrita por Tadeu Sarmiento, conta a história de um curioso presente dado pelo rei de Portugal, em 1515, ao papa, em Roma.

● **ENTRE REALIDADE E SONHO**, o autor de *Torto Arado* lança *Chupim* (Ed. Baião), seu primeiro livro infantil, em coautoria com a artista plástica Manuela Navas. A obra sobrevoa a vida do trabalho no campo, contrapondo as perspectivas infantil e adulta.

● **OS PEIXES QUE FUGIRAM DA HISTÓRIA** (Editora do Brasil), obra escrita por Maria João Freitas e ilustrada por Mariana Rio, é um alerta para entender os perigos da pesca predatória.

● **PUBLICADO PELA PEIRÓPOLIS**, a obra *Eugênio*, escrita por Everson Bertucci e ilustrada por João Vaz, é uma ode à força que as palavras e a literatura podem ter em nossas vidas.

● **INSPIRADA POR VERÃO**, DE *As Quatro Estações*, do compositor Vivaldi, Suzy Lee criou um livro ilustrado, lançado pela Companhia das Letrinhas, dividido em atos, seguindo o fluxo da peça musical. Cada capítulo possui uma técnica de ilustração diferente, e os leitores são convidados a ouvir a orquestra — um QR Code ao final do livro possibilita acesso à gravação de Verão por uma orquestra.

● **UM MAR DE AMOR** (Companhia das Letrinhas), de Pieter Gaudesaboos, apresenta uma estrutura narrativa emocionante e original, numa obra repleta de doçura e humor.

● **EM ABCXYZ** (ED. RECO-RECO), o escritor Sérgio Rodrigues e o ilustrador Daniel Kondo convidam crianças, pais e professores a brincar com os ritmos e as sonoridades característicos da Língua Portuguesa em uma singela obra-prima da poesia visual.

● **EM O CAVALEIRO DA LUA**, o historiador Luiz Antonio Simas se vale da figura de São Jorge para apresentar aos pequenos as fases da lua, em uma aventura em forma de cordel, ilustrada por Camilo Martins.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Espaço ruim

“O espaço, recém concluído para o encontro, ficou alagado. “
É verdade, mas a forma “recém concluído” está incompleta, pois falta o hífen: **recém-concluído** – os nomes compostos cujo primeiro termo é **recém** exigem o hífen. Frase correta:
“O espaço, **recém-concluído** para o encontro, ficou alagado.”

Você precisa saber

“Os participantes do encontro vieram dos mais diferentes locais.”
Observe:
* Nomes de lugar (**topônimos**) que devem ser escritos com hífen:
* Iniciados por **verbo** – **Passa-Quatro**;
* Iniciados com os adjetivos **grão** e **grã** – **Grã-Bretanha**, **Grão-Pará**;
* Com os nomes **ligados por artigo** – **Baía-de-Todos-os-Santos**, **Trás-os-Montes**.

Atenção: nos demais lugares **não se usa o hífen** – América do Sul, Feira de Santana, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Rio Grande do Sul, Belo Horizonte, Mato Grosso do Sul, América do Norte etc.

Curiosidade

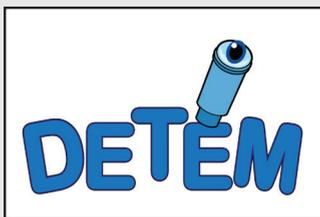
Hagionimo é a designação dada aos nomes sagrados, sendo facultativo o uso de letras maiúsculas.

Exemplo: muitos católicos são devotos de **Santo** (ou **santo**) Antônio, de **São** (ou **são**) Judas Tadeu, entre outros, mas todos acreditamos em **DEUS**.

Interesse

“Qualquer pessoa se detem para observar as belezas da cidade que se preparou para receber os visitantes.” Escrito desse jeito não desperta a vontade esperada. O verbo **deter** é derivado do verbo **ter** e na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo tem acento agudo (oxítona terminada em **-em**): **detém**.

Período correto: “Qualquer pessoa se **detém** para observar as belezas da cidade que se preparou para receber os visitantes.”



Por quê?

Por que o povo fica nervoso na hora do jogo? **Porque** os brasileiros amam o futebol. **Por que** usar o **porquê** é tão complicado? Não há complicações. Basta entender:

- **Por que** (separado e sem acento) é para frases interrogativas diretas ou indiretas – **Por que** acreditamos ganhar a Copa do Mundo?
- **Por quê** (separado e com acento) só é usado no final das frases interrogativas – Acreditamos ganhar a Copa do Mundo, **por quê?**
- **Porque** (junto e sem acento) deve ser usado nas respostas – **Porque** os brasileiros merecem essa alegria.
- **Porquê** (junto e com acento) é usado quando for substantivo – Todos sabem o **porquê** do amor que os brasileiros têm pelo futebol.

Torcida duvidosa

“Jogaremos um futebol bom, mas contando com os fluídos positivos enviados pelos torcedores.” Assim, ficará difícil! Fluído é o particípio do verbo fluir. O que os brasileiros mandarão para o nosso time serão **fluidos**, sem acento.

Período correto: “Jogaremos um futebol bom, mas contando com os **fluidos** positivos enviados pelos torcedores.”

Carta devolvida

“Marilda escreveu ao Senhor Doutor Abelardo Fernandes uma carta formal.” Aposto como foi devolvida. Veja: de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, as **titulações** devem ser grafadas com **letra inicial minúscula**.

Frase correta: “Marilda escreveu ao **senhor doutor** Abelardo Fernandes uma carta formal.”

“Vimos à sua presença” ou “vimos à sua presença”?

Vimos é presente do verbo **vir**, enquanto **vimos** é passado do mesmo verbo. Exemplos: “**Vimos** agora, nesta oportunidade, para manifestar nossa decisão”, “**Vimos** ontem, porque a cerimônia começa muito cedo”.

Vimos também é o passado do verbo **ver**. “Nós **vimos** um belo pássaro no jardim.”

Veja: Eu **vi** / tu **viste** / ele **viu** / nós **vimos** / vós **vistes** / eles **viram**.

Moto veloz

“O motoqueiro esterçou sua moto entre o corredor de carros com extrema perícia.” Perfeito! Embora desconhecido da maior parte da população, o verbo **esterçar** existe, e significa manejar o volante para a esquerda e a direita.



Desgostos de agosto

Por José Sarney*

Agosto é mês de desgosto, diz o bordão. Logo se cita o suicídio de Getúlio. Mas outro caso de agosto teve profundas repercussões na História do Brasil: a renúncia de Jânio Quadros. Carlos Castelo Branco, que gostava de afirmar que era apenas um repórter, mas o consolidador do jornalismo de análise em nosso país, publicou um pequeno livro com seu depoimento sobre a renúncia do presidente Jânio Quadros. Muitas vezes disse-me que tinha escrito estas páginas e que elas somente deveriam ser publicadas depois de sua morte. É o relato preciso de um repórter que anotou e analisou os fatos com uma precisão de linguagem e uma honestidade exemplares, características de sua personalidade. Mas não é fácil, para o leitor de hoje, entender aqueles tempos.

O último período de Vargas foi todo ele marcado por um clima de esperto suspense sem que ninguém soubesse como era o seu processo de decisão e quais os seus objetivos. O governo de Jânio, no sentimento dos que com ele trabalhavam, era de medos e imprevistos. O presidente era uma alma que não se deixava revelar e nele nunca se distinguia bem entre o grande homem público e o teatro. Castelo pinta com precisão esse cenário.

Castelinho não diz o motivo da renúncia. Ele ficou encurralado num leque de explicações, nenhuma delas racional. Não quis listá-las. Eu acredito que ninguém pode explicá-la. Nem Jânio Quadros, o autor, sabia. O presidente costumava viver pessoalmente um personagem de tensão a inspirar temor. Se tinha afetos maiores, eles jamais se explicitavam, e nem suas ideias, nem suas paixões. Castelo revela que, quando voltou da Europa, após deixar o governo, o ex-presidente entregou a ele, a José Aparecido e Oscar Pedroso Horta — seu ministro da Justiça — a tarefa de escreverem a explicação da renúncia, bem como a de escolherem o melhor caminho de levá-la ao público, já com os olhos voltados para o futuro político.

Fui vice-líder do governo Jânio Quadros. Com o presidente, através de Aparecido, Castelo, Quintanilha Ribeiro, tinha uma convivência quase proto-

colar. Mas dele sempre recebi provas de consideração. Um dia, às sete horas da manhã, chamou-me a seu gabinete e foi incisivo:

— Preciso do Senhor, deputado Sarney. Em Cuba, fizeram uma revolução. No governo só tem gente jovem. Quero mostrar-lhes que o embaixador do Brasil será um jovem de trinta anos!

Fiquei perplexo. Eu começava minha carreira política e minha única aspiração era ser um bom parlamentar. Fui ao Chanceler Afonso Arinos, meu velho e querido e sempre saudoso amigo, e pedi-lhe proteção: “Ajude-me a demover esse homem dessa insensatez. Eu não tenho, acrescentei com humor, desejo de repercutir na ONU...” A coisa passou.

No livro de Castelo há uma omissão. A noite da véspera da renúncia, que ele descreve, eu acompanhei de perto. Estava com ele na casa do Horta, que me chamou para uma conversa separada e pediu-me para ir na manhã seguinte à Câmara dos Deputados fazer um levantamento de todas as emendas constitucionais em tramitação, pois desejava ir ao Congresso e responder às denúncias de Carlos Lacerda, então governador da Guanabara, tendo como base que todas as reformas que solicitava estavam no Congresso, não haviam sido por ele inventadas e, assim, não eram pistas de um “golpe de estado”. Eram umas três horas da manhã. Pouco depois saíamos. Quando eu e Castelo descemos no elevador, perguntei-lhe, sentindo que a crise era profunda: — “O que vai acontecer?” Ele respondeu-me: — “O Horta caiu, Aparecido ganhou.”

Às quatro horas da tarde, o presente já era passado: Jânio estava em Cumbica, e todos nós vivíamos uma frustração que doeu por muito tempo.

Algum tempo depois cobrei do Castelo sua afirmação naquela fria madrugada de Brasília, e ele completou: “O Horta caiu mesmo. Somente não se sabia que ele, para não sair só, levou o Jânio.” Em mim, ficou a impressão de que aí estava a motivação de o ministro da Justiça ter sido tão intransigente na entrega imediata da carta de renúncia ao Congresso Nacional.

Velhos tempos, que têm o sabor das coisas velhas, vividas e que nunca se explicam. De Getúlio se conhece o caminho do suicídio. Ele sabia que a bala com que ia matar a República do Galeão passava pelo seu coração. Era um gesto político. O da renúncia de Jânio nunca ninguém saberá, nem ele mesmo sabia. Era o segredo de uma madrugada de angústia com a lembrança de De Gaulle, renunciando e voltando.

Eu e a UDN, depois da renúncia, contraímos uma úlcera de estômago, que jamais nos largou.

*José Sarney é da Academia Brasileira de Letras.

Rosalía de Castro e Nélida Piñon: Almas Galegas

Por Raquel Naveira*

A escritora Nélida Piñon (1934-2022), que eu muito admirava pelo brilho e inteligência, logo que me conheceu disse: “Naveira... a que navega... esse nome é galego.” Nélida tinha origem galega. Alma galega. Inspirada na história de vida de seus pais, que vieram da Galícia para o Rio de Janeiro, escreveu o fantástico e mágico romance *República dos Sonhos* (1984). A trama conta a história de Madrugá, jovem camponês que deixa a Galícia e se instala numa pensão humilde da Praça Mauá. A vida de Madrugá passa por êxitos e fracassos que o fazem questionar seus ideais de liberdade e de felicidade. Mais tarde, a neta Bretá busca juntar os fragmentos e reconstituir a história de sua família, que se mistura com a própria história do Brasil, o belo e complexo país tropical que os recebeu. Um livro sobre as heranças europeias, que criaram e modelaram a nossa riqueza cultural.

A Galiza, na região da Galícia, situa-se a noroeste da Espanha, limita-se com o oceano Atlântico, com Portugal e com as regiões de Leão e das Astúrias. Um território montanhoso, cortado pelos prolongamentos da cadeia asturiana, com cabos projetando-se no oceano, banhado por diversos rios, entre eles o Minho. O contorno da costa é irregular, cheio de enseadas, florestas e magníficos prados. Foi conquistada pelos árabes no início do século VIII, os quais foram expulsos pelos cristãos, passando a formar, com as Astúrias, um só reino. Após a morte de Fernando I, o Grande, em 1605, tornou-se novamente independente. Posteriormente foi incorporada aos reinos de Leão e de Castela. Sofreu a invasão das tropas napoleônicas. Colocou-se ao lado das forças nacionalistas no decorrer da Guerra Civil Espanhola.

Rosalía de Castro, a fundadora da literatura galega moderna, nasceu em Santiago de Compostela, em 1837, e faleceu em Padrón, na Espanha, em 1885. Era filha de José Martínez Viojo, um sacerdote católico, e de Maria Tereza de la Cruz de Castro e Abadia, uma fidalga. Rosalía não podia viver com nenhum de seus pais nem tomar sobrenome deles, segundo os costumes da época. O fato de ser filha ilegítima de um clérigo marcou-a profundamente. Passou sua infância na casa de uma tia paterna, depois a mãe assumiu sua educação. Em Compostela, recebeu formação musical, artística e literária.

Casou-se com o investigador e jornalista Manuel Murguía. A vida do casal era itinerante, pois ele ocupou vários cargos administrativos na Espanha. Tiveram cinco filhos: Áurea, os gêmeos Gala e Ovídio, Amara e Adriano. Publicou obras em galego e castelhano: *Cantares Galegos*, leves glosas de canções populares, onde manifesta a sua intensa nostalgia da terra galega; *Folhas Novas*, obra de intensidade lírica em que exprime o seu amor pela natureza e a coletânea de poemas *En las Orillas del Sar*, onde o seu pessimismo se acentua. Os temas predominantes são: a realidade da dor, a implacável passagem do tempo, um obsessivo sentimento da morte, uma visão da Galiza rural e denúncia das injustiças sociais,

pobreza e miséria, sofridas pelo povo. O seu espírito poético foi tocado pelo afastamento de sua terra, pelas desgraças familiares, perdas dos filhos, doenças físicas e morais. Ela afunda em sentimentos dolorosos, na saudade e chega à fronteira de seu próprio ser. Por outro lado, Rosalía é uma inovadora estilística, utilizando ritmos novos, flexíveis e harmoniosos, como nestes seus versos:

*Enquanto o gelo as recobre
Com fios brilhantes de prata
As plantas ficam transidas,
Transidas como minh'alma.*

*Esses gelos para as plantas
São promessa de flores precoces,
Para mim silenciosos fiandeiros
Que vão-me tecendo a mortalha.*

Escrevi este poema em homenagem a Rosalía de Castro:

*Rosalía,
Vestida de negro,
Caminha pelo vale,
Sombra entre os pinos angulosos
E os gritos das aves
Nas avelaneiras.
Coração carregado de terrores secretos,
Rosto abatido,
Mãos trêmulas como ervas,
Caminha rumo a Santiago,*

*No prumo da perfeição.
Passa por bosques,
Ribeiras,
Atravessa a tempestade,
A neblina espessa,
Nuvem ligeira
Que caminha.
Ao longe,
Ouve os sinos da igreja,
Que fazem chorar,
Rezar em soluços,
Lembra-se de Tiago,
O pescador,
O apóstolo
Passado a fio de espada,
A tristeza come-lhe as entranhas.
É preciso chegar a Compostela,
Ao abrigo,
Peregrina que foge de si mesma
E se rebela.
É preciso aplacar a raiva,
Depor a foice
De quem faz justiça com as próprias mãos.
Chove pelo caminho,
Amarfanha-se o vestido,
O negror do linho penetra a pele:
Onde a cantiga galega
Ao pé das fontes e arroios?
Onde os ramos de açucenas nos muros?
Onde os rosais floridos?
Tudo seca,
Tudo morre.
Rosalía,
Estrela negra,
Embrenhou-se
Na Via Láctea.*

Querida e saudosa Nélida, penso que é mesmo bom um nome galego para navegar pela poesia.

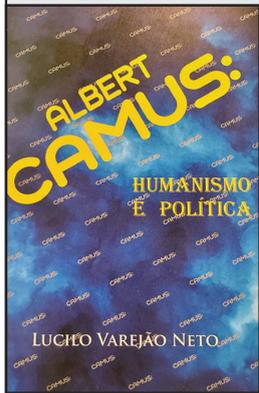
*Raquel Naveira é membro da Academia Matogrossense de Letras.



J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



ALBERT CAMUS: HUMANISMO E POLÍTICA

Resultado de 20 anos de pesquisa e leituras sobre a obra do escritor e filósofo franco-argelino, o acadêmico pernambucano Lucilo Varejão Neto lançou *Albert Camus: Humanismo e Política* (Ed. Presença). Tendo como objetivo analisar as formas de apresentação do humanismo camusiano e sua ligação ou não com o engajamento político, o estudo nos mostra a evolução de uma lógica humanista que amadureceu durante um longo trajeto. O livro se debruça sobre a obra do autor de livros como *O Estrangeiro*, *A Peste*, *Calígula*, um dos mais lidos do mundo, Prêmio Nobel de Literatura em 1957.

“Camus desenvolveu o que chamamos de Filosofia do Absurdo, que é o desencontro que existe entre o apelo humano, os questionamentos humanos de um lado; e do outro, o silêncio do mundo. Esse confronto fez nascer essa noção do absurdo, que são as coisas que não têm resposta”, detalha Lucilo. O prefácio é assinado pelo acadêmico Lourival Holanda, que ressalta a atualidade do Camus lido por Lucilo. Na orelha, o acadêmico Arnaldo Niskier recomenda a leitura e enaltece o amplo espírito social da obra. O escritor, tradutor e professor da UFPE Lucilo Varejão Neto pertence, entre outras instituições, à Academia Pernambucana de Letras e à Academia de Artes, Ciências e Letras do Nordeste.

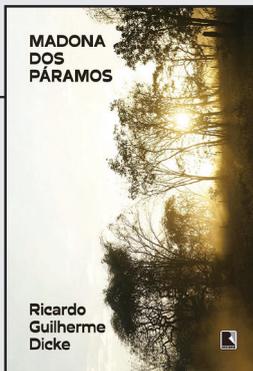
DA LIDA DO TANTO DA VIDA

Com a obra *Da Lida do Tanto da Vida* (7 Letras), o poeta Christovam de Chevalier celebra 25 anos de carreira literária, reiterando a sua paixão pela escrita e perseverança. O aniversário de carreira é do autor, mas o presente quem ganha são os leitores, brindados com uma escrita delicada, que expõe sentimentos universais, resultando numa obra firme, onde as palavras surgem como potência para demonstrar sua incrível força poética. Humana e lírica, que nos toca com a intimidade própria dos poetas, a voz que nos fala vem de dentro de cada palavra selecionada, sem máscaras, sem temor. Harmônica, dando ao leitor a compreensão do que há de evocativo nas lembranças, a obra é dividida em três partes, com textos agrupados por temas afins, relacionados ao labor da escrita (Da lida), aos (des) encontros em tempos de relações líquidas (Do tanto) e, por fim, poemas inspirados por fatos ou efemérides da atualidade (Da vida). Christovam de Chevalier é jornalista e poeta. Trabalhou no *Jornal do Brasil* e em *O Globo* e edita, hoje, o site de notícias *New Mag*. É autor de *Um Livro sem Título* (1998); *No Escuro da Noite em Claro* (2016); *Marulhos, Outros Barulhos e Alguns Silêncios* (2019) e *Inventário de Esperanças e Outros Poemas* (2021).



MADONA DOS PÁRAMOS

Madona dos Páramos (Ed. Record), de Ricardo Guilherme Dicke, retornou às livrarias com essa nova edição, quarenta anos depois do lançamento do seu mais poderoso romance e dezesseis anos após a sua morte. Dicke ganhou diversos prêmios literários, entre eles o Prêmio Ficção de Brasília e o Prêmio Remington de Prosa e Poesia, e recebeu menção honrosa do Prêmio Walmap, tendo como jurados Antonio Olinto, Guimarães Rosa e Jorge Amado. O romance retrata o sertão mato-grossense, região do país pouco vista na literatura brasileira. O prefácio é do pesquisador Rodrigo Simon de Moraes, estudioso da obra de Dicke, que descobriu inéditos do autor durante pesquisa para tese de doutorado. Ricardo Guilherme Dicke nasceu em 16 de outubro de 1936, em Raizama, no município da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. No começo da década de 1960, escreveu seu primeiro romance, *Caminhos de Sol e Lua*. Em 1968, publicou o premiado *Deus de Caim*. Em 1977, ganhou o Prêmio Remington de Prosa e Poesia com o romance *Caieira*, publicado no ano seguinte pela editora Francisco Alves. Em 1981, ganhou o Prêmio Ficção de Brasília com *Madona dos Páramos*. Morreu em 9 de julho de 2008, em Cuiabá.



DIÁRIOS DO ROCK IN RIO

Diários do Rock In Rio – Os bastidores e entrevistas da terceira edição do maior festival de música do mundo pelo olhar de um jornalista capixaba (Editora Cândida), de José Roberto Santos Neves, apresenta os registros históricos de tudo o que aconteceu no megaevento, em 2001. A terceira edição do Rock In Rio marcou o retorno do festival à Cidade do Rock, dez anos depois da versão que utilizou como palco o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã. A partir daquela edição, parte da renda do festival passou a ser destinada a projetos sociais. Designado pelo jornal *A Gazeta* (ES) para a cobertura, José Roberto Santos Neves acompanhou os sete dias do megaevento, as mais de 160 atrações musicais e as diversas coletivas de imprensa organizadas pela produção. Em 120 páginas, com textos inéditos, além das matérias e imagens de época, Santos Neves propõe ao leitor uma viagem no tempo. Nascido em Vitória (ES), em 1971, José Roberto Santos Neves é formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com pós-graduação em Gestão em Assessoria de Comunicação pela Faesa. Membro da Academia Espírito-santense de Letras, é autor, entre outros, dos livros *Maysa* (2004), a primeira biografia da cantora Maysa e *A MPB de Conversa em Conversa* (2007).



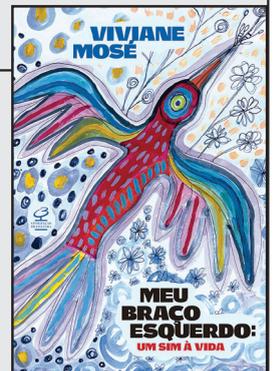
SARAPITANGA – UMA HISTÓRIA SECRETA

No romance *Sarapitanga – Uma história secreta* (Ed. Batel), Edir Meirelles apresenta, ao longo de 168 páginas, a história narrada pelo protagonista Masiero, em torno do país Sarapitanga, situado numa ilha do Pacífico, na verdade um arquipélago. No prefácio, o professor Ivan Cavalcanti Proença lembra que a Literatura, não sendo Ciência, não se reduz a um sistema de signos: “A narrativa evidencia uma alegoria, somatório de metáforas (similitudes que, não raro, remetem o leitor ao nosso Brasil), plenas de epicidade, aqui e ali vindo à tona momentos líricos, e “acolá” tragicidade. Tudo como convém a este original e momentoso romance-tese do ficcionista (e poeta) Edir Meirelles, que coloca em adequada tensão a historicidade e a ficção.” Membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Luso-Brasileira de Letras, entre outras, o goiano, residente no Rio de Janeiro, nasceu em 19 de maio de 1939 na fazenda Catingueiro, município de Pires do Rio. Após concluir o curso de Contabilidade, iniciou o curso de Direito da Universidade Federal de Goiás (UFG), mas mudou-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu a graduação, na UERJ. Também integra o PEN Clube do Brasil, a União Brasileira de Escritores e a *International Writers and Artists Association* (IWA).



MEU BRAÇO ESQUERDO

Com o inédito *Meu Braço Esquerdo – Um sim à vida*, a poeta, filósofa e psicanalista Viviane Mosé, preste a completar 60 anos, marca seu retorno à Civilização Brasileira, do Grupo Editorial Record, com um brinde ao bem-viver. O livro de poesia autoficcional é uma investigação filosófica que aborda temas como abandono parental, relação com a mãe, com o pai, solidão, relação com o filho, amor romântico, e traz uma mensagem inspiradora sobre aprender com a vida apesar dos sofrimentos. Através da amálgama da filosofia e da poesia, Viviane Mosé afirma a vida em todas as suas dimensões. O projeto gráfico traz ilustrações na capa e no miolo da artista plástica Nelma Guimarães. Membro da Academia Brasileira de Cultura, a capixaba Viviane Mosé nasceu em Vitória/ES, em 1964. Especialista em elaboração de políticas públicas pela Universidade Federal do Espírito Santo, é mestre e doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui mais de onze livros publicados e foi duas vezes indicada como finalista do Prêmio Jabuti. Escreveu e apresentou o quadro *Ser ou não ser* no Fantástico, entre 2005 e 2006. Durante oito anos foi comentarista da Rádio CBN e do programa Encontro com Fátima Bernardes.



**CELSO NISKIER**

Valorização da educação a distância

Arnaldo Niskier: Hoje, com uma alegria enorme, recebo a visita do professor Celso Niskier, meu filho. Com muito prazer e com muita honra, preside a Associação Brasileira das Mantenedoras de Ensino Superior e é também o dirigente maior, reitor da UniCarioca, Universidade Carioca do Rio de Janeiro, que é talvez o maior centro universitário do nosso Estado. Obrigado pela sua presença. O que você tem a nos dizer sobre a educação brasileira?

Celso Niskier: Antes, quero dizer que também estou muito emocionado de estar aqui com o meu grande professor, que foi quem me ensinou tudo. É por isso que vou chamá-lo hoje de professor com muita propriedade, que foi o professor da minha vida. E é um prazer estar aqui falando de um assunto que nós dois gostamos muito, que é o assunto da educação.

A UniCarioca surgiu por uma conversa nossa, eu fazia doutorado na Inglaterra, me preparando para uma carreira de pesquisa, você deu um fatídico telefonema e disse: "Olha, temos aqui uma carta consulta de uma instituição que não tem mais interesse em dar andamento. O que você acha?"

Arnaldo Niskier: Era um curso de informática

Celso Niskier: Exato. E aí surgiu a Faculdade Carioca de Informática e voltei mais cedo do doutorado, acabei concluindo o doutorado 20 anos depois, aqui na Coppe, no Rio de Janeiro. Estava lá no Imperial College, voltei e comecei do zero a Faculdade Carioca de Informática, que é também a minha área de formação. E com toda a orientação que me deu, o projeto deu certo. Em dez anos, se tornou um centro universitário. Hoje é o melhor centro universitário do Rio de Janeiro, a UniCarioca.

Arnaldo Niskier: É conceituado como tal. Tem muita gente que elogia a UniCarioca dizendo que é o melhor centro universitário do Rio de Janeiro. Eu fico orgulhoso.

Celso Niskier: E é verdade.

Arnaldo Niskier: E também por você.

Celso Niskier: Os amigos, às vezes, exageram nos elogios, mas é fato, é o melhor centro universitário, conceito máximo do MEC já há 11 anos. E isso é fruto de uma inspiração muito forte que sempre tive por você, mas também é um trabalho de centenas de colaboradores, professores, administrativos que nos acompanharam e nos acompanham ao longo dessa jornada de quase 35 anos. Portanto, é um projeto educacional muito sólido, baseado em princípios, são princípios, inclusive, que transformei num livro que pretendo lançar em breve. Mas a UniCarioca hoje já formou mais de 20.000 jovens. Estava lembrando que aqui onde estamos gravando, o auditório Raymundo Magalhães Júnior, da Academia Brasileira de Letras, foi onde se realizou a primeira formatura da UniCarioca, em 1993, portanto há mais de 30 anos que nós estávamos

aqui transformando os sonhos em realidade para esses jovens.

Arnaldo Niskier: Hoje tem quantos alunos a UniCarioca?

Celso Niskier: A UniCarioca tem cerca de 10.000 alunos e hoje os cursos vão desde a graduação tradicional, presencial, até a educação a distância, que cresceu muito, mas também pós-graduação, mestrado e, esse ano, começamos o primeiro doutorado da UniCarioca.

Arnaldo Niskier: Em que área?

Celso Niskier: Um doutorado profissional em novas tecnologias digitais na educação, para formar professores altamente especializados no uso das novas tecnologias, combinando informática, tecnologia com educação. Tem mais de 300 alunos hoje inscritos no mestrado e no doutorado da UniCarioca, porque são professores que querem se qualificar melhor e querem pesquisar, muitos querem seguir carreira acadêmica e, para isso, precisa do mestrado e do doutorado. Mas acima de tudo, são professores dispostos a inovar, a trazer novas soluções para dentro da escola, sempre dentro de princípios humanistas, porque a tecnologia não aliena o professor.

Arnaldo Niskier: Claro, não quero fazer uma pergunta embaraçosa, mas é uma curiosidade que tenho. Por que ainda não ingressou na área da medicina?

Celso Niskier: Começamos a saúde há dois anos. Durante a pandemia, a UniCarioca percebeu que havia uma procura muito grande por profissionais de saúde para lidar com toda essa crise trazida pela pandemia, as sequelas da pandemia, as questões de saúde mental. Então, começamos com o curso de Biomedicina, Fisioterapia, Enfermagem, Psicologia, o curso mais recente, e pretendemos, no futuro, caminhar também para a área de formação de médicos. O Brasil precisa de bons, de mais e de melhores médicos.

Arnaldo Niskier: E, sobretudo, com esse cuidado com a qualidade que você tem demonstrado e é elogiável, porque nem sempre esses novos cursos gozam de qualidade. Tanto que o MEC resolveu restringir a área de educação a distância. O que você achou disso?

Celso Niskier: Acho que havia necessidade de um freio de arrumação. Acho que foi uma medida extrema, mas o MEC abriu também um diálogo com todo o setor, que hoje participa de um conselho consultivo que vai assessorar a Secretaria de Regulação do MEC na elaboração de um novo marco regulatório para a educação a distância. Cresceu de forma desordenada e era uma situação que não deixava ninguém confortável, cursos oferecidos por preços muito baratos, polos sem nenhuma estrutura física.

Arnaldo Niskier: Ficou com cheiro de facilitário, não é?

Celso Niskier: O MEC tem a obrigação de acompanhar a qualidade, de supervisionar e ele faz isso com dificuldade, porque a quantidade de polos aumentou muito. Então, quando você tem uma expansão que acaba se desordenando, é necessário recolocar o projeto no trilho.

Arnaldo Niskier: É o que você chama de freio de arrumação.

Celso Niskier: Sem desvalorizar a modalidade de educação a distância, isso é muito importante. Temos conversado, agora como ABMES falando, com o MEC, no sentido de valorizar a educação a distância, pelo que ela tem de importante, que é a democratização do acesso ao ensino superior, que é a inovação. Então, temos que preservar a modalidade, mas melhorar muito as condições de oferta de algumas instituições, e para isso o MEC pode e deve agir.

Arnaldo Niskier: Você falou em ABMES. Reserve aqui na minha cabeça uma área para falar da Associação Brasileira das Mantenedoras de Ensino Superior e você preside muito bem, o que é a ABMES?

Celso Niskier: A ABMES é uma instituição que está completando 42 anos de existência, uma associação que representa todas as mantenedoras de ensino superior no Brasil. O que são mantenedoras? São aquelas que criaram faculdades, centros universitários, universidades privadas. Aqui nós temos um ecossistema de instituições confessionais, católicas e evangélicas, grandes grupos, pequenas faculdades. A ABMES é a que representa essa diversidade de instituições no Brasil, quase 2500 instituições privadas.

Arnaldo Niskier: Você deu uma panorâmica do que é a ABMES. Qual é a importância da ABMES para a educação?

Celso Niskier: É a entidade que representa um setor hoje que tem mais de 80% da representação dos estudantes matriculados, mais de 80% dos alunos que cursam a educação superior, cerca de 8 milhões de estudantes, são de instituições privadas e a ABMES é a mais tradicional, a principal entidade representativa desse setor, fundada pelo acadêmico Cândido Mendes há 42 anos e que, como eu disse, tem essa característica de falar por todos os tipos de instituição, faculdade, centros universitários e universidade. A importância da ABMES é muito grande no diálogo com o poder público, com o Congresso Nacional, na promoção da inovação, da expansão com qualidade e da melhoria da regulação por parte do MEC. A ABMES, que eu tenho a honra de presidir, sucedendo ao professor Janguê Diniz e a outros grandes presidentes que vieram antes dele, tem essa função de colaborar para que o setor cresça com qualidade e assumindo a sua responsabilidade de dados social.

Arnaldo Niskier: Esse é um aspecto muito importante (qualidade) e que essa defesa seja intransigente, porque nós precisamos disso: educação com qualidade.

Celso Niskier: Esse é o nosso compromisso. Todos precisam atender os padrões mínimos de qualidade, inclusive para o credenciamento, para que eles possam ser credenciados pelo Conselho Nacional de Educação e pelo MEC. Então, acho que a qualidade é um dado para todos. Obviamente, há instituições que investem mais em mecanismos que levam a cursos de excelência e isso é importante que a gente possa incentivar.

Arnaldo Niskier: Você falou em Conselho Nacional de Educação. Quando se chamava Conselho Federal de Educação, fez parte seis anos e tenho saudosa lembrança desses tempos em Brasília. Qual é a finalidade mesmo do Conselho Nacional de Educação?

Celso Niskier: O Conselho Nacional de Educação costuma se pensar como um órgão de Estado. Lá estão os conselheiros indicados pelas principais entidades representativas da educação, da cultura e da ciência. Quem senta naquela cadeira de conselheiro (e você foi seis anos do então Conselho Federal de Educação, depois se tornou conselheiro do Conselho Nacional de Educação)...

Arnaldo Niskier: Foram quatro anos no Conselho Federal de Educação e dois no Conselho Nacional.

Celso Niskier: Exato. Então, você lembra que o conselheiro contribui para elaboração das políticas públicas educacionais, define parâmetros e diretrizes para os cursos de graduação, no caso da Câmara de Educação Superior, assessora o ministro nas suas políticas para o setor. Portanto, é um órgão de altíssimo nível, que considero um órgão de Estado e que tem lá as principais cabeças pensantes, representativas da nossa diversidade de educadores no país.

Arnaldo Niskier: Na semana que passou, a doutora Margareth Dalcolmo, que era esposa do Cândido Mendes de Almeida, que você citou, ganhou a Légion D'Honneur do governo da França e fez um discurso muito bonito no Gávea Golfe Clube e citou o ex-marido com muito carinho, com muito amor e foi muito aplaudida. O Cândido foi presidente fundador da ABMES. Ele faleceu e deixou muita saudade. Que lembrança você tem do Cândido Mendes?

Celso Niskier: Como o grande articulador político da ABMES, que na época se chamava ABM Associação Brasileira de Mantenedoras. Ele teve uma participação muito importante na Constituinte, foi o grande articulador, junto com uma pessoa que também merece homenagens, que é a Vera Gissoni, fundadora, reitora da Universidade Castelo Branco, que ao lado dele montou toda essa estrutura de mantenedores. O Cândido deixou o legado da ABM, que agora se chama ABMES, como uma entidade que representa os interesses desse setor tão importante para o país. Até hoje ele é muito lembrado por esse papel importante que ele teve.

Arnaldo Niskier: Isso, também tem outros nomes, o Édson Franco...

Celso Niskier: Em seguida, foi o que se sucedeu Cândido Mendes. É reitor fundador da UNAMA, falecido recentemente, o Édson Franco foi o estruturador da ABMES na parte de conteúdo. Ele criou os estudos, as revistas, deu o fundamento às bandeiras da associação através de um trabalho técnico de qualidade. Depois veio o Gabriel Mário Rodrigues, que durante 12 anos presidiu o crescimento do setor. Fundador da Anhembí Morumbi, que se tornou, tempos depois, parte de um outro grande grupo. E ele também fundou a Anhanguera, que hoje é parte do maior grupo de educação no Brasil, que é a Cogna. O Gabriel, que era um grande diplomata, acompanhou esse momento de expansão que o setor teve no governo Paulo Renato, o ministro Paulo Renato. De poucas instituições o setor cresceu hoje para mais de 2.500 instituições privadas, com mais de 20.000 unidades e polos espalhados por todo Brasil. Hoje são cerca de 8 milhões de jovens universitários que estudam em instituições privadas. E quando a gente fala do setor, não fala só dos grandes grupos, tem as faculdades do interior que prestam bons serviços, tem as universidades comunitárias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, criadas através de parcerias com os municípios, tem faculdades inovadoras aqui em São Paulo, por exemplo, que investe em tecnologia e na área de negócios, é um setor muito dinâmico.

Arnaldo Niskier: Muito importante você dizer isso tudo, porque o nosso programa é nacional, então, isso que você está lembrando, a presença do país na educação brasileira, é tudo muito importante. Agora, é claro que, acumulando tanta experiência, você não deixaria de escrever alguns livros. Então, sei que você vai lançar proximamente mais um livro, envolvendo a expressão da inteligência artificial, da qual você é um estudioso. Antes de pedir ao professor Celso Niskier que nos fale sobre a sua experiência literária, gostaria que ele dissesse uma palavra sobre a experiência dele como avô, da minha bisneta, a Sofia. Como é a Sofia?

Celso Niskier: A Sofia vai muito bem e transforma, eu estava dizendo isso hoje. O nascimento dela, dois anos atrás, transformou as nossas vidas como família. E é uma evolução natural, porque você assistiu, como avô, o nascimento da Giovanna e da Gabriela e das outras netas, da Dora, da Fernanda, da Bruna e da Paula. E agora assiste o nascimento de uma bisneta. Que já tem um livro dedicado a ela, que você fez, e que já é uma assídua leitora. Aponta e pede livro, pede para ir à livraria para comprar livro. Acho que é um papel importante dos pais estimular a leitura das crianças desde cedo. E já estamos fazendo isso com ela, que é uma pessoa muito especial.

Arnaldo Niskier: Espero que no futuro ela seja uma bela escritora. Há tantas mulheres que são belas escritoras, se a Sofia for também uma delas, vou ficar muito feliz. Conte então um pouco sobre a sua experiência literária. Agora sei que você já vai lançando um novo livro, envolvendo a expressão da inteligência Artificial. Como será esse trabalho?

Celso Niskier: Eu estava querendo escrever, não sabia como começar e você deu aquela dica fabulosa e disse: "Olha, faça um artigo por semana. No final de 100 semanas, dois anos, você tem uma coletânea de artigos, nasce um livro." Estou indo para o terceiro livro de coletânea de artigos a partir da sua dica. E agora resolvi escrever um, um pouco mais denso sobre como a inteligência artificial vai impactar a educação. E o nome do livro é *Educação mais Inteligente*, que vai ser lançado em breve pela Editora Gente. E o objetivo é traduzir, neste livro, quase 35 anos de experiência que tenho à frente de uma instituição de educação superior. E identifiquei cinco princípios que são imutáveis e que devem estar presentes em qualquer empreendimento, em qualquer projeto educacional.

Arnaldo Niskier: Quais são eles?

Celso Niskier: O primeiro é que o aluno deve sempre ser considerado uma pessoa única no seu potencial de aprender, considerar o aluno como uma pessoa única, personalizar a educação. Não exclusiva, mas alguém que possa receber uma atenção diferente e especializada. Muitas vezes, naquele modelo industrial, todo mundo sentando na sala, o professor não diferencia as necessidades entre os estudantes e é muito importante que, no primeiro princípio, o aluno seja considerado o único no seu potencial de aprender. Depois, o papel do professor como um facilitador da aprendizagem. E hoje em dia, com tanto conhecimento com o chatGPT, o professor é o curador do conhecimento do aluno. Ele não é o único dono do conhecimento, nem o único entregador do conhecimento, é o facilitador da aprendizagem. Terceiro ponto muito importante para essa geração de jovens, que tem acesso a jogos, games e tudo mais, é que o ambiente de aprendizagem seja rico, motivado e que engaje o estudante. Então, sair um pouco da caixa e pensar em salas um pouco mais dinâmicas, espaços *makers* e outras formas de tornar o ambiente de aprendizagem mais engajado. O quarto ponto são os currículos que precisam ser

flexíveis, baseados em competências e conectados com as demandas do mundo do trabalho. Acho que é isso que o jovem espera hoje de uma escola. Agora, se você tem um aluno único e considerado de forma única, o professor facilitador, um ambiente engajador, currículos flexíveis, o último ponto é considerar o aluno protagonista na sua própria jornada e pensar a educação para a vida inteira. É considerar que a jornada de aprendizagem é contínua por toda a vida e o protagonismo é do aluno. Não existe aquele mecanismo de o aluno passivo, que recebe aquele conhecimento sai, vai para casa. Então, esses cinco princípios são princípios de uma educação mais inteligente. E a inteligência artificial entra para personalizar a experiência do aluno, para criar ambientes mais engajadores, para facilitar o trabalho do professor, para melhorar os currículos e para tornar o aluno mais protagonista. Então, a inteligência social entra em todos esses princípios.

Arnaldo Niskier: Como é que pode o curso de Pedagogia ajudar na obtenção dessas qualidades?

Celso Niskier: Todos os cursos de licenciatura, especialmente o de pedagogia, precisam se adaptar a essa nova realidade. Muitos deles acabam sendo muito teóricos. Não se valoriza muito a parte prática do estágio profissional, da residência pedagógica. Inclusive, agora o MEC entrou no circuito para estabelecer um mínimo de carga horária presencial e nos cursos a distância de formação de professores. Temos que trazer para esses currículos da licenciatura as competências digitais para que o professor possa entender esse novo momento que vivemos.

Arnaldo Niskier: E você não acha que é preciso fazer alguma coisa para aperfeiçoar esses fundamentos nos cursos de pedagogia?

Celso Niskier: Com certeza, esse é um dos papéis importantes do Conselho Nacional de Educação, rediscutir as diretrizes curriculares na formação inicial docente, sob uma ótica de tudo o que vai acontecer de transformação com a inteligência artificial. Se, na formação do professor, esses cinco princípios forem considerados e são princípios imutáveis e básicos, não há nenhuma novidade aqui, acho que vamos ter um professor mais bem preparado, saindo da forma do curso de pedagogia, mais adequado, mais adaptado para essa realidade trazida pelas novas tecnologias.

Arnaldo Niskier: Nesse ambiente de precariedade cultural que a gente vive, ainda tem um papel fundamental para o livro?

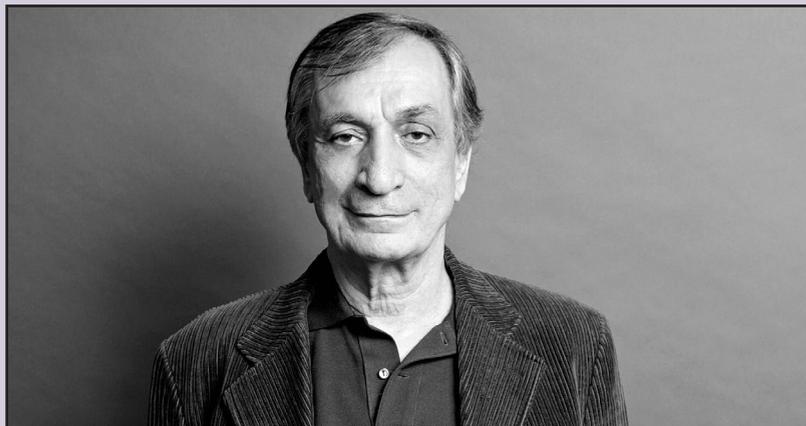
Celso Niskier: O livro se adaptou. As livrarias continuam existindo, algumas, inclusive, estão surgindo, ressurgindo. O livro digital também é uma realidade. A leitura, eu digo, é um comportamento importante na formação de novos leitores, mas também na formação de profissionais, de cidadãos. Então, acredito muito no papel do livro, reavivado pelas novas tecnologias. O que nós temos que nos preocupar é com a superficialidade das redes sociais, que hoje focam muito mais na dancinha, no Tiktok do que na transmissão cultural. Esse é um motivo de preocupação para todos nós, educadores, e já se discute, inclusive, abolir o celular em sala de aula em alguns lugares do mundo e proibir o acesso às redes sociais até uma certa idade dos estudantes. Acho que são medidas radicais, mas muitas vezes necessárias, dada, eu diria, uma certa pobreza cultural que existe hoje nas redes sociais.

Arnaldo Niskier: Para quem gosta de educação, a aula do professor Celso Niskier foi um show. Eu quero agradecer muito ao meu filho, professor Celso, a sua presença aqui entre nós e colocar um ponto final no programa de hoje.

Antonio Cicero guardado para sempre

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Saíram da caneta de Antonio Cicero vários sucessos do cancioneiro nacional. Versos como “você me abre seus braços/e a gente faz um país” (de “Fullgás”, uma das muitas parcerias com a irmã Marina Lima) deram ao saudoso acadêmico, poeta e filósofo, um lugar cativo no imaginário popular brasileiro.

Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2017, sétimo ocupante da cadeira nº 27, na sucessão de Eduardo Portella, Antonio Cicero morreu aos 79 anos, em Zurique, na Suíça, onde estava ao lado do marido, o figurinista Marcelo Pies.

Filho do economista Evaldo Correia Lima, um dos fundadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o carioca Cicero cresceu em ambiente intelectual, morou nos Estados Unidos com a família e descobriu a poesia ainda na infância, com a leitura do poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias.

Formou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – com passagem pela Universidade de Londres, em 1969, quando sofreu o exílio durante a ditadura militar brasileira. Fez pós-graduação na Georgetown University, nos Estados Unidos, em 1976. Lá, estudou grego e latim, o que lhe permitiu ler, no original, clássicos como Homero, Píndaro, Horácio e Ovídio. Tempos depois, deu aulas de Filosofia e Lógica em universidades do Rio.

Dividido entre a filosofia e a poesia, o poeta embarcou na música popular quando sua irmã Marina, dez anos mais moça, musicou seu poema “Alma calada”, gravado por Maria Bethânia, em 1976. Desse momento em diante, passou a escrever, além de poemas para serem lidos, letras para serem cantadas. Foi parceiro de outros artistas consagrados, como Lulu Santos, Roberto Frejat, João Bosco, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Claudio Zoli e Adriana Calcanhotto.

“Tolice é viver a vida, assim, sem aventura.” Esse é um dos versos que Cicero escreveu para “O último romântico”. A canção deu nome ao álbum lançado por Lulu Santos, em 1983. Tornou-se um dos maiores sucessos do cantor e compositor, com uma letra esperançosa e, claro, romântica.

Uma das canções mais tocadas de 1984, “Fullgás” dava nome ao álbum homônimo de Marina e, até hoje, é uma de suas canções mais lembradas, com pegada *new wave* e letra cheia de simbolismos. É uma brincadeira com o inglês *full gas* e com a palavra fugaz.

“Dono do pedaço”, composta em 1993, faz parte do disco “Extra”, do acadêmico Gilberto Gil. Trata-se de uma das várias letras que Antônio Cícero escreveu junto com o também poeta Wally Salomão.

A parceria com Adriana Calcanhotto na canção “Inverno” entrou no disco “Fábrica de poemas”, que a gaúcha lançou em 1994. Esta foi a segunda música feita pelos dois, que antes já haviam feito “Água Perrier”.

Entre os livros publicados, estão os com ensaios filosóficos *O Mundo desde o Fim* (1995), *Finalidades sem Fim* (2005) e *Poesia e Filosofia* (2012), além dos volumes de poemas *Guardar* (1996), *A Cidade e os Livros* (2002), *Livro de Sombras: Pintura, cinema, poesia* (2010) e *Porventura* (2012).

Em julho deste ano, Cicero fez sua última conferência, na Academia Brasileira de Letras: “A poesia de Antonio Cicero”, quando falou sobre sua produção poética. Seu poema mais famoso, “Guardar”, foi incluído, em 2001, na antologia *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século*, organizado por Italo Moriconi:

*“Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.”*



Antonio cicero com a irmã e parceira Marina Lima.

Depois de alguns anos lutando contra o Alzheimer, Cicero escolheu a morte assistida, legalizada na Suíça. Uma escolha corajosa e coerente com o sentido que via na vida. Para o presidente da ABL, Merval Pereira, Antonio Cicero é um dos maiores poetas de sua geração e a escolha da morte assistida demonstra sua fortaleza diante da vida: “Preferiu morrer a viver sem poder fazer o que mais gostava: ler, escrever, filosofar.”

Antonio Cicero deixou suas últimas letras registradas numa carta aos amigos, despedindo-se:

“Queridos amigos,

Encontro-me na Suíça, prestes a praticar eutanásia. O que ocorre é que minha vida se tornou insuportável. Estou sofrendo de Alzheimer. Assim, não me lembro sequer de algumas coisas que ocorreram não apenas no passado remoto, mas mesmo de coisas que ocorreram ontem. Exceto os amigos mais íntimos, como vocês, não mais reconheço muitas pessoas que encontro na rua e com as quais já convivi.

Não consigo mais escrever bons poemas nem bons ensaios de filosofia. Não consigo me concentrar nem mesmo para ler, que era a coisa de que eu mais gostava no mundo. Apesar de tudo isso, ainda estou lúcido bastante para reconhecer minha terrível situação.

A convivência com vocês, meus amigos, era uma das coisas – senão a coisa – mais importante da minha vida. Hoje, do jeito em que me encontro, fico até com vergonha de reencontrá-los.

Pois bem, como sou ateu desde a adolescência, tenho consciência de que quem decide se minha vida vale a pena ou não sou eu mesmo. Espero ter vivido com dignidade e espero morrer com dignidade.

Eu os amo muito e lhes envio muitos beijos e abraços!”

Produtor musical, jornalista e escritor, Nelson Motta fez um texto ressaltando as várias faces do amigo: “Mais uma dor no coração com a partida de Antonio Cicero, querido amigo e imenso poeta e letrista, um filósofo full time e fullgas, com humor e profundidade. Um baita intelectual como não se produz mais, um cara que viveu de sua cabeça e fez história com ela”, escreveu Motta.

Seus colegas de fardão também não pouparam elogios. Entre eles, a acadêmica Ana Maria Machado lamentou: “A perda de Antonio Cicero nos deixa um vazio. Raros, em qualquer cultura, conseguem conjugar o rigor intelectual de um filósofo brilhante com a sensibilidade agridada de um poeta de primeira linha. Some-

se a isso a dignidade moral de um ser humano exemplar. Para não falar no carinho e saudade com que os amigos vamos lembrá-lo. Sempre aprendi muito com ele e vou sentir muita falta.”

A imortal Rosiska Darcy de Oliveira reforçou o legado libertário de Cicero: “Antonio Cicero escolheu morrer como viveu. Toda sua vida é um exemplo de dignidade e liberdade. Morreu dignamente exercendo sua última liberdade. Esse doce príncipe, nosso poeta tão amado, era belo demais para suportar tanto horror, perder a lembrança de si mesmo, do mundo e pessoas que tanto amou.”

O acadêmico Antonio Carlos Secchin ressaltou a falta que o colega já está fazendo: “Antonio já está fazendo falta por aqui, mas foi tudo como ele quis. Muito íntegro, ético e sempre solidário. Amparado numa vasta cultura, uma presença constante e sempre atento.”

A última aparição pública de Antonio Cicero, no Rio, foi em 30 de setembro, no lançamento de um livro do crítico literário Silviano Santiago, numa livraria em Ipanema.

A ABL programara para o final do ano (dia 12 de dezembro) uma homenagem a ele com um espetáculo em que sua irmã, Marina, cantaria suas músicas. Uma homenagem, agora póstuma, que seus admiradores irão guardar na galeria de memórias afetivas.

*“Adoro esse olhar blasé / que não só já viu quase tudo /
mas acha tudo tão déjà-vu mesmo antes de ver.”*

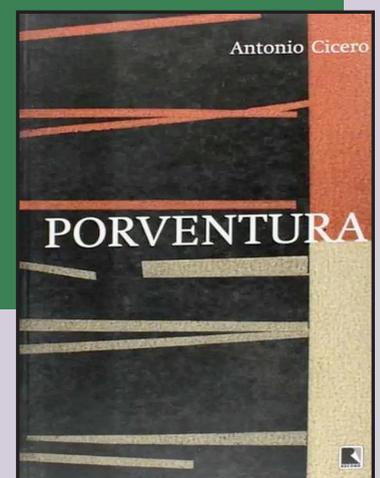
Trecho da canção *Água Perrier*, em parceria com Adriana Calcanhoto

*“E eu não quero amor, nada de menos / Dispense os jogos desses mais ou menos /
Pra que pequenos vícios / Se o amor são fogos que se acendem sem artificios.”*

Trecho da canção *O lado quente de ser*, em parceria com Marina Lima

*“O fim da vida
e não há, depois da morte,
mais nada.
Eis o que torna esta vida
sagrada
ela é tudo e o resto, nada.”*

**Trecho de *Porventura*.
Rio de Janeiro. Record, 2012**



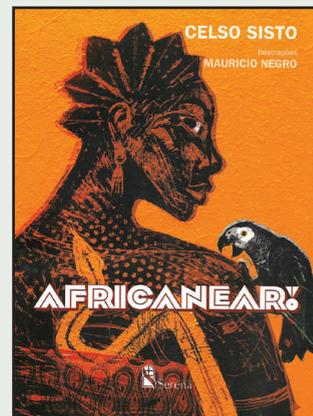
O filósofo e poeta Antonio Cicero optou pela morte assistida. Deixou saudades.

Celso Sisto e a alegria de viver

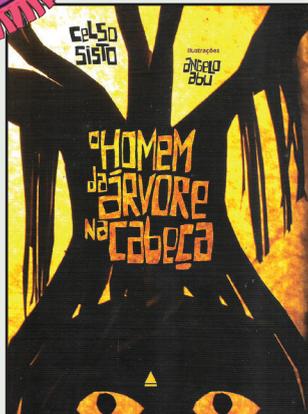
Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com



Africanear! (Serena) – Ilustrações de Maurício Negro – Contos tradicionais africanos. “Quero reafirmar minha alegria de poder ser também porta-voz de um mundo melhor, sem nenhum tipo de preconceito, livre do racismo e da hipocrisia”.



O Homem da Árvore na Cabeça (Nova Fronteira) – Ilustrações impactantes de Angelo Abu. Novo conto africano. E agora, como Molefi vai conseguir se livrar da árvore que nasceu em sua cabeça? Ele vai cumprir a promessa para o pagamento de Mma Onalenna, que o livrou do infortúnio?



Foi assim – sem ninguém esperar ou imaginar. Na véspera, enfeitou sua página na internet com as lindas imagens da afilhada bailarina. No dia seguinte, não estava mais! A perplexidade da notícia deixou a todos estarelecidos! Partiu assim, cheio de alegria com a casa nova, com a resolução de voltar para o Rio de Janeiro – sua cidade natal –, com a oportunidade de usufruir a companhia de amigos em teatros, shows e encontros pela cidade, com a proximidade da família.

No dia 5 de outubro, o coração, repleto de felicidade, parou! Deixou conosco o sorriso, a energia e a criatividade de inúmeras histórias.

Professor, escritor, ilustrador e, acima de tudo, contador de histórias, selecionava linhas e cores e tecia bordados em belas imagens. A coleção de dedais crescia a cada dia!

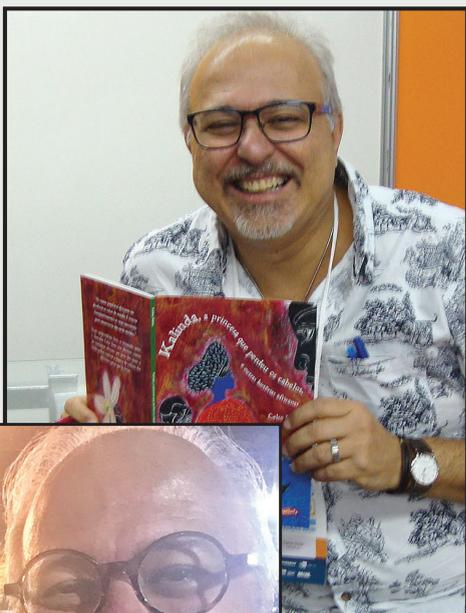
Micky, o companheirinho peludo, o seguiu em suas aventuras pelas cidades diversas, deixou o Rio Grande do Sul, onde morou por vinte e cinco anos, e foi para a serra fluminense, em Paty do Alferes, o sossego do interior não combinou com a sua alma.

Na volta ao Rio, há cerca de um ano, foi reconquistando a cidade e seus espaços, demonstrando, nas várias fotos que divulgava, a enorme alegria com o retorno.

Juntos fizemos *Kalinda, a Princesa que Perdeu os Cabelos e outras Histórias Africanas*, na Escarlata (Cia das Letras). Livro que escreveu e ilustrou!

O amor pelos contos africanos, permanente estudo, a sensibilidade por temas sensíveis, como perdas, conflitos e emoções, estão em cada uma das suas páginas.

Que a sua obra permaneça nos inspirando e levando beleza e sensibilidade aos seus jovens leitores.

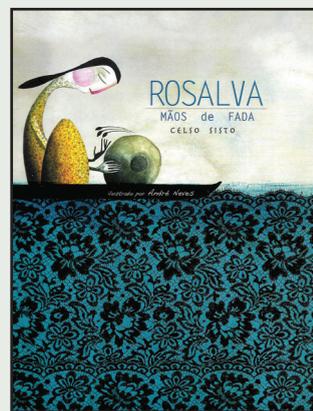


No Salão do Livro, no lançamento de *Kalinda*.

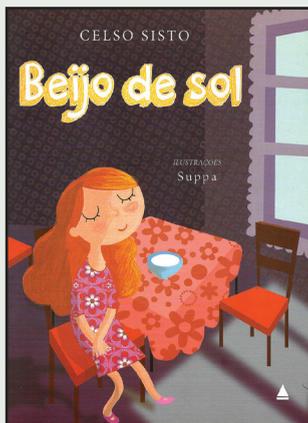


Nossa última foto, comemorando seu aniversário, em 16 de junho de 2023.

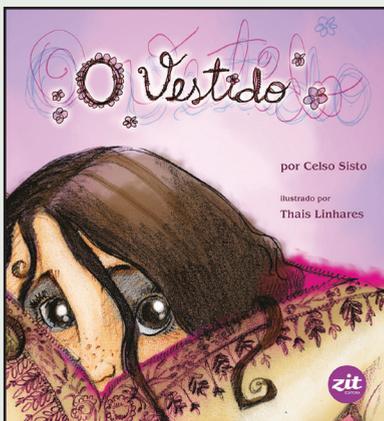
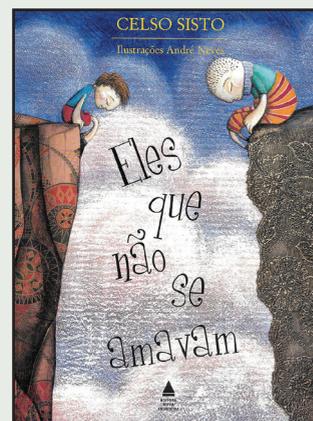
Rosalva, Mãos de Fada (Paulinas) – Ilustrações de André Neves. A dor da perda do amor. Como em *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti (Global), *Rosalva* também desmancha os fios tecidos.



Beijo de Sol (Nova Fronteira) – Suppa ilustrou – Homenagem à Cecília Meirelles (*Ou isto ou aquilo* – Global) e à poesia para crianças.



Eles que Não se Amavam (Nova Fronteira) – Ilustrações de André Neves. Como começam as guerras? Por que o desamor traz tantas discórdias? Como é possível retornar ao amor e à paz?



O Vestido (ZIT) – Ilustrado por Thais Linhares. Com saudades da avó querida, Ludmila descobre, na divisão dos pertences, uma caixa com um bilhete para ela. O texto fala sobre a vida, sobre as memórias que guardamos das pessoas queridas e a saudade que elas deixam quando partem.

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



OLGA TOKARCZUK

Olga Nawoja Tokarczuk (Sulechów, 29 de janeiro de 1962) é uma escritora polonesa. Recebeu o Nobel de Literatura de 2018 (concedido em 2019). Graduiu-se em Psicologia pela

Universidade de Varsóvia. Trabalhou como terapeuta antes de começar a se dedicar à literatura. Foi roteirista de Pokot, uma adaptação cinematográfica de seu romance *Sobre os Ossos dos Mortos*, dirigida por sua compatriota Agnieszka Holland. Foi a vencedora do voto do júri popular. Recebeu, em 2018, o Prêmio Internacional Man Booker. Em seus livros aparecem com frequência temas como insignificância humana, exaltação da natureza e defesa do irracionalismo. Em *Sobre os Ossos dos Mortos*, por exemplo, traz um “romance policial sobre a insignificância humana”, trabalhando com a relação homem-animal. Algumas obras: 1989 – *Miasto w lustrach* (poesia); 1997 – *Szafa* (contos); 2000 – *Lalka i perła* (ensaio); 2007 – *Bieguni* (romance); 2014 – *Księgi Jakubowe* (romance); 2017 – *Zgubiona dusza* (história ilustrada) Prêmios: Finalista do Prêmio Literário Internacional IMPAC de Dublin, por *Dom dzienny, dom nocny*; 2015 – Prêmio Nike de Literatura (júri popular), por *Księgi Jakubowe*. É autora de *Sobre os Ossos dos Mortos*, *Correntes* e *A Alma Perdida*, publicados no Brasil pela Todavia. Tem um filho adulto, divide o seu tempo entre o seu apartamento em Wrocław, Polônia, a sua casa no campo e as viagens. É vegetariana e considera o veganismo como um posicionamento político.

acervo JL



ANNIE ERNAUX

Nascida Annie Duchesne (Lillebone, 1 de setembro de 1940), é uma escritora e professora francesa. Sua obra literária, principalmente autobiográfica, romance e memórias, remete à sociologia.

Ernaux foi laureada com o Nobel de Literatura de 2022. Foi a primeira escritora francesa a ser laureada com a premiação. Ernaux também se tornou a sexagésima mulher a conquistar o Nobel e a décima sétima a conquistar o Nobel de Literatura. Passou sua infância e juventude na Normandia. Estudou na Universidade de Rouen-Normandie e Bordeaux. Ela tornou-se professora de literatura moderna em 1971. No início da década de 1970, lecionou no Colégio de Bonneville. Entrou na literatura em 1974 com *Les Armoires Vides*, um romance autobiográfico. Em 1984, ganhou o Prêmio Renaudot por *La Place*, outra de suas obras autobiográficas. Em 2008 e 2009, com sua obra *Les Années*, um vasto panorama que vai da época do pós-guerra até o presente, publicado em 2008, recebeu vários prêmios. Nesse mesmo ano de 2008, ela recebeu o *Prix de la langue française* por todo o seu trabalho e pelo conjunto da obra. Em 2011, Annie Ernaux publica *L'Autre Fille*, uma carta dirigida a sua irmã, que morreu antes de seu nascimento, assim como *L'Atelier Noir*, que reúne vários cadernos de anotações, planos e reflexões relacionadas à escrita de suas obras. Em 2017, é laureada com o Prêmio Marguerite-Yourcenar, concedido pela Sociedade Civil de Autores Multimídia, por todo o seu trabalho.

acervo JL



KAZUO ISHIGURO

(Nagasaki, 8 de novembro de 1954) Escritor nipo-britânico. Suas obras foram traduzidas para mais de 40 idiomas. Aos cinco anos de idade, emigrou com a família para a Inglaterra. Seu pai recebeu

uma proposta para trabalhar em um projeto de pesquisa por dois anos, e, após esse período, a família planejava voltar ao seu país, mas, por diversas circunstâncias, foram ficando, e Kazuo e suas irmãs, Fumiko e Yoko, cresceram sob a influência das duas culturas. Estudou na Woking County Grammar School entre os anos de 1966 e 1973, uma escola muito tradicional que lhe proporcionou a vivência na sociedade inglesa. Em 1974, entrou para a Universidade de Kent, onde estudou Inglês e Filosofia, mas afastou-se temporariamente da graduação para trabalhar em um reassentamento do departamento de assistência social de Renfrew, na Escócia. Estudou também na East Anglia, no curso de “escrita criativa” que o escritor Malcolm Bradbury estabeleceu e no qual era ainda professor. Ele se define como sendo um escritor que deseja escrever novelas internacionais. Antes de escrever os seus aclamados romances, publicou contos e artigos em revistas variadas, na década de 1980. Em 2017, foi laureado com o Nobel de Literatura, em virtude da grande força emocional presente em seus romances, e assim revelando o abismo sob o nosso ilusório sentido de conexão com o mundo. A sua obra foi traduzida em mais de 28 países.

Da loba ao lupanar

Por José Augusto Carvalho*

Diz a lenda da fundação de Roma que Amúlio depusera o irmão Númitor do trono de Alba Longa e fizera assassinar todos os seus filhos homens; a filha Reia Sílvia fora obrigada a tornar-se vestal, mas, quebrando o voto de castidade, deu à luz os gêmeos Rômulo e Remo, que Amúlio mandou afogar, lançando-os ao Tibre, numa cesta de palha. Mas a cesta não afundou, e a correnteza do rio levou-a à margem, até uma figueira, de onde uma loba os teria levado para uma gruta e amamentado, até que fossem encontrados pelo pastor Fáustulo que lhes deu guarida (Veja-se GILBERT, John. *Mitos e Lendas da Roma Antiga*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1976, p. 62).

A mulher de Fáustulo teria sido uma cortesã de nome Aca Laurência ou Laurentina. O termo latino que designava as cortesãs era *lupa*. Segundo Ernout e Meillet, no *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* (Paris: Klincksieck, 1967, s. v. *lupa-ae*), a palavra *lupa* designava a cortesã antes mesmo de designar a fêmea do lobo. Neste último sentido, os latinos usavam a expressão *lupus femina*. Messalina, ainda segundo aqueles dicionaristas, adotava o nome grego de Lysisca, isto é, loba, nas suas devassidões.

O termo *Luperca-ae*, do latim, designa a deusa loba que teria amamentado Rômulo e Remo na gruta que levou o nome de Lupercal. O nome plural *Luperci-orum* designa o colégio de sacerdotes encarregados de celebrar o culto de Luperca, nas lupercálias ou lupercais. Villeneuve, na sua *Crônica Escandalosa dos Doze Césares*, descreve as lupercálias, com base em Plutarco, como sendo um desfile realizado em fevereiro por jovens pertencentes às primeiras famílias de Roma, que saíam da gruta onde a loba teria amamentado os gêmeos, e percorriam as ruas de Roma inteiramente nus, exceto por um cinto de pele de cabra, flagelando os transeuntes. “As donzelas iam levadas adiante dos seus golpes, porque a correia lupercal era reputada como tendo a

virtude de expulsar a esterilidade e de provocar partos felizes” (VILLENEUVE, Bagnieux de. *Crônica Escandalosa dos Doze Césares*. São Paulo: Victor, [19...], p. 126-7). No verbete Lupercálias, Tassilo Orpheu Spalding, no *Dicionário de Mitologia Greco-latina*, diz: “No dia das Lupercas [os lupercos] percorriam as ruas de Roma com um chicote na mão; estavam convencidos [de] que as mulheres que fossem atingidas por uma chicotada teriam um filho antes do fim do ano” (SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia Greco-latina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965). Teria sido essa pele de cabra, de que nos fala Villeneuve e que envolvia a cintura dos jovens lupercos, a razão para pressupor que o termo *lupercus* se tenha originado da justaposição da palavra *lupus* (lobo) com a palavra *hircus* (bode).

Roma, de acordo com Plutarco, teria sido fundada em 21 de abril de 753 a. C. Antes dessa data, ocupavam a cidade os etruscos, originários da Ásia Menor, que, expulsos pelos dórios, teriam chegado à península itálica possivelmente no século X, antes de Cristo. À época da fundação de Roma, em 753 a. C., a península itálica era habitada principalmente por quatro povos de origem e civilização diversas: os itálicos, os etruscos, os cartagineses e os gregos. Os itálicos foram deslocados para o interior por causa da expansão dos etruscos que, aliados dos cartagineses, conseguiram estender seu domínio por quase toda a península. Mas os galos que invadiram a região do Pó (a Gália Cisalpina) enfraqueceram os etruscos e prepararam o terreno para as conquistas dos latinos.

A ascensão do império romano merecia que a história de sua fundação correspondesse à sua grandeza: por razões éticas, a loba-prostituta foi substituída pela loba-animal, e a cortesã Laurentina foi reabilitada por uma lenda que a tornava amante de Hércules. Rômulo e Remo passaram, então, a filhos de Marte com a vestal Reia Sílvia. Mas o orgulho dos novos sacerdotes do império romano não conseguiu mudar a tradição da língua. A *lupus-femina* passou à *lupa* que amamentou os gêmeos, mas restou o termo *lupanar*, designativo de prostíbulo, para mostrar que foi a *lupa-mulher*, a *lupa-prostituta*, e não a fêmea do lobo, a base mitológico-histórica de uma grande civilização.

*José Augusto Carvalho, mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP, é autor de duas gramáticas (uma para cursos de pré-vestibular, outra para o curso superior) e de vários livros de estudos de língua portuguesa e de linguística, como *Pequeno Manual de Pontuação em Português* (2013) e *Estudos sobre o Pronome* (2016), ambos da Editora Thesaurus, de Brasília.



arte Desenharte



Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com

WALDEZ DUARTE

Nascido no dia 7 de julho de 1972, no município de Acará, no Estado do Pará, Raimundo Waldez Duarte é um atuante cartunista e ilustrador que assina suas artes como Waldez. O artista iniciou sua trajetória nos anos 1990, marcando presença em exposições de humor, especialmente em salões e concursos do gênero, sendo premiado, em 1997, no Salão Internacional de Humor de Piracicaba, na categoria Charge. Foi também agraciado, em 2010, com menção honrosa em Desenho Animado Ecológico, na 3ª Exposição Internacional de Humor da Amazônia; no mesmo ano, ganhou o 1º Prêmio no concurso Ranan Lurie Political Cartoon Awards (EUA) e, em 2012, recebeu o Prêmio Cartoon, no 29º Aydın Dogan International Cartoon Competition, na Turquia. Em 2010, chegou ao jornal *Amazônia* para atuar como chargista e ilustrador, permanecendo no diário amazonense por



© ESTÚDIO SETTE

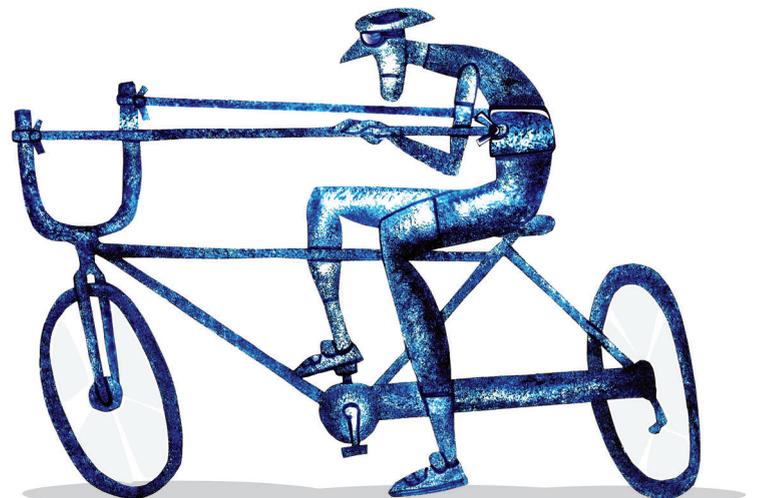
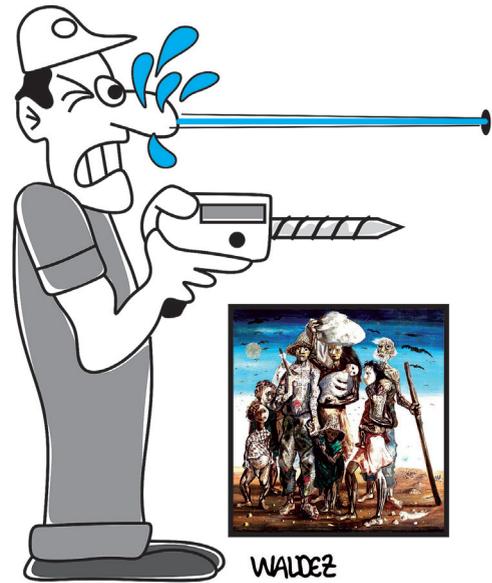
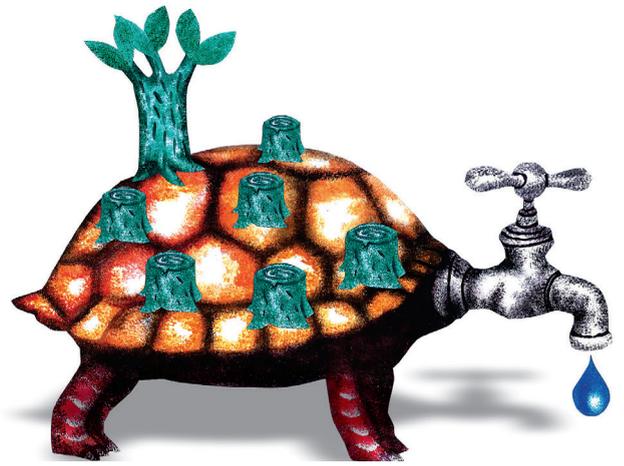
17 anos. Seus desenhos também foram publicados no jornal *Pasquim 21*, revista *Bundas* e revista *Imprensa*.

Recentemente, Waldez ilustrou capa e miolo do livro *Eras de Ti*, do ator e roteirista Adriano Barroso. Bastante respeitado no meio cultural do Pará, Waldez é, ao lado dos colegas J. Bosco e do saudoso Biratan Porto (1950/2021) – aliás, suas maiores referências, os maiores nomes do humor gráfico da região norte do país. O cartunista informa em primeira mão que, para 2025, existe um projeto cultural que apresentará diversas manifestações do desenho, com as participações de outros cartunistas locais, como Paulo Emmanuel e Júnior Lopes.

Waldez Duarte pode ser visitado nas redes sociais: no Instagram, no perfil @waldez_duarte; no Facebook, basta buscar por waldezcartuns ou também no blog do desenhista, no endereço: waldezcartuns.blogspot.com/.

Saúde e Arte!

Arte para a capa do livro *Eras de Ti*, de Adriano Barroso., seguida de uma ilustração do livro.



Aquele Abraço



O casal Gilberto e Flora Gil foi recebido pelo acadêmico Paulo Coelho, em Genebra, na Suíça.

Antes de iniciar sua turnê internacional com o show *Aquele Abraço*, celebrando os 50 anos de turnês pelo mundo, o acadêmico e cantor Gilberto Gil foi recebido pelo colega imortal Paulo Coelho, em sua residência em Genebra, na Suíça. A turnê passou por sete países da Europa e Ásia, ao longo da qual Gil esteve acompanhado da esposa e empresária Flora Gil. No repertório, não faltaram grandes sucessos que marcaram gerações, como os clássicos *Drão*, *Andar com Fé*, *Tempo Rei*, *Pessoa Nefasta*, *Não chore mais (No Woman, No Cry)*, *Aquele Abraço* e mais.

Recebidos por Paulo Coelho e Christina Oiticica, Gil e Flora foram juntos na fundação filantrópica que reúne toda obra do maior best-seller brasileiro. Trata-se de um prédio inteiro, de 3 andares, que conta ainda com espaço para cursos e eventos.

Há de 2.700 a 3 mil livros expostos, em 82 línguas, ou seja, um exemplar de cada edição dos livros de Paulo Coelho. O espaço é aberto ao público, e quem passar por lá poderá ver a ficha de quando Paulo Coelho foi preso na ditadura e os relatórios do hospital psiquiátrico, onde foi internado três vezes.

Na coleção, ainda há objetos pessoais, como a capa da fase de mago, a jaqueta de quando era hippie, fotografias de vários momentos da vida do escritor, a coleção de cartões e presentes de leitores.

Se dependesse dos fãs apaixonados, espalhados aos milhares mundo afora, Gilberto Gil não largaria os palcos. Mas, aos 82 anos, anuncia que fará, ao longo de 2025, a última turnê da carreira de mais de 43 anos. Batizada de *Tempo Rei*, a sequência de apresentações vai percorrer nove capitais no Brasil e também contará com datas nos Estados Unidos e na Europa. A turnê terá direção musical dos filhos Bem e José Gil, que integram a banda na guitarra e bateria, respectivamente, ao lado de João Gil (baixo), Nara Gil (voz), Flor Gil (voz), Mariá Pinkusfeld (voz), Diogo Gomes (sopro), Thiago Oliveira (sopro), Marlon Sete (sopro), Danilo Andrade (teclado), Leonardo Reis (percussão), Gustavo Di Dalva (percussão) e Mestrinho (sanfona). As vendas on-line estão no site eventim.com.br/giltemporei. Bilheteria oficial: Loja Pida Salvador Shopping.

Segundo Gil, *Tempo Rei* vai botar um freio na maratona, hoje incompatível com seu ritmo de vida cada vez mais contemplativo. Mas não há ponto final. Retornos pontuais acontecerão naturalmente. Mas a ideia é, a partir de agora, passar mais tempo com o violão: “Tocar em casa e especular sobre as canções e os caminhos musicais. Esse xodó com o instrumento permanece. Aliás, uma das razões é tentar ganhar mais tempo para essa dimensão doméstica da musicalidade. Uma música mais tranquila, mais meditativa, mais divagante.”

CONFIRA AS DATAS DA TURNÊ DE TEMPO REI:

- 15 de março de 2025 – Salvador – Casa de Apostas Arena Fonte Nova
- 29 de março de 2025 – Rio de Janeiro – Farmasi Arena
- 30 de março de 2025 – Rio de Janeiro – Farmasi Arena
- 11 de abril de 2025 – São Paulo – Allianz Parque
- 12 de abril de 2025 – São Paulo – Allianz Parque
- 7 de junho de 2025 – Brasília – Arena BRB
- 14 de junho de 2025 – Belo Horizonte – Arena MRV
- 5 de julho de 2025 – Curitiba – Ligga Arena
- 9 de agosto de 2025 – Belém – Estádio Mangueirão
- 15 de novembro de 2025 – Fortaleza – Centro de Formação Olímpica
- 22 de novembro de 2025 – Recife – Classic Hall

Mural celebra Machado de Assis na ABL

Por Manoela Ferrari

Um vibrante mural de 150 metros em homenagem ao fundador da ABL pode ser visto na área externa da instituição, logo acima da estátua de Machado, na entrada do Petit Trianon.

Produzido pelo coletivo *Negro Muro*, o Mural Machado de Assis celebra os 185 anos de nascimento do escritor, com um retrato pintado à mão e referências estéticas do Rio de Janeiro do século XIX. A obra incorpora elementos pessoais da vida do autor, como sua esposa, Carolina Augusta, sua paixão pelo xadrez e sua trajetória como tipógrafo, entre outros.

Inspirado em uma imagem do escritor encontrada nos arquivos da ABL, o mural começou a ser pintado no dia 21 de agosto pelos artistas César Mendes e Cazé. Sua concepção segue as ideias do projeto *Negro Muro*, idealizado por Cazé e o pesquisador Pedro Rajão, em 2018, e que tem como objetivo valorizar figuras históricas negras por meio da arte urbana.

O painel resgata as origens de Machado no morro da Providência (Centro do Rio), onde vendia bala na juventude, e faz alusão às discussões sobre raça em torno do escritor. Nos últimos anos, diversos estudos enfatizaram a afrodescendência de Machado de Assis, contrapondo a visão de que ele seria branco.

O idealizador Cazé explica: “O painel segue um movimento de S, que começa pelo lado direito ou esquerdo, com uma imagem central que marca bem o fenótipo dele de homem negro de pele clara. Abaixo, tem uma cena de xadrez, que faz referência ao seu envolvimento com a prática, mas que também fala sobre colorismo. Na cena, um Machado negro vence no xadrez um Machado branco.”

O presidente da Academia Brasileira de Letras, Merval Pereira, destaca que o projeto é o ponto culminante de uma série de ações da ABL em

homenagem a Machado de Assis ao longo deste ano. Entre essas ações, destaca-se o avatar do escritor, fruto de uma parceria entre a ABL, a agência de comunicação Santafé Ideias e a empresa de inteligência artificial Euvatar. O dispositivo, de tamanho humano, está disponível para interação com os visitantes da ABL, comunicando-se em tempo real e respondendo a perguntas sobre a vida e a obra de Machado de Assis.

Não faltam motivos, nem atrações, para o público visitar a Casa de Machado.



Mural de Machado de Assis pintado pelo Negro Muro – Foto: Divulgação.

Camões viveu e morreu pobre e miseravelmente

Por António Valdemar*

A obra de Aquilino Ribeiro Luís de Camões: Fabuloso e Verdadeiro, agora reeditada, esvazia os mitos, os lugares-comuns e as ideias convencionais que se repetiram, ao longo de séculos, para efeitos de exaltação patriótica e de arrebatamento sentimental.



Camões
por Alvaro
Carrilho.

Ao contrário de todas as outras epopeias, *Os Lusíadas* oferecem-nos uma visão crítica de Portugal e dos portugueses. Tudo faz supor que as comemorações, em Portugal, do V Centenário do Nascimento de Camões se revistam de uma dimensão cultural e cívica, a fim de recuperar o verdadeiro perfil do homem e o conteúdo integral da obra que, por motivos políticos, religiosos e literários, tem sido intencionalmente desfigurada.

À margem do programa oficial – que será conhecido no princípio de Novembro – destaca-se a reedição do livro *Luís de Camões: Fabuloso e Verdadeiro*, da autoria de Aquilino Ribeiro. Esta obra, que surgiu em 1950, provocou uma das polémicas literárias mais ruidosas que ocorreram em Portugal na segunda metade do século XX. Capítulo a capítulo, Aquilino foi “varrendo teias de aranha”, “removendo entulhos”, “demolindo túmulos”. Em suma: todo um “romance mal urdido, falso no que respeita à pessoa e destituído de senso quanto à verdade local”. Denunciou todas as situações elaboradas para conseguir efeitos de exaltação patriótica e de arrebatamento sentimental.

Para evitar equívocos, Aquilino declarou que não se alicerçava em materiais inéditos. Limitara-se a “ler com olhos atentos” o que escreveram os primeiros biógrafos e, nos séculos XIX e XX, Teófilo Braga, José Maria Rodrigues, Wilhelm Stork (traduzido por Carolina Michaëlis), António de Campos Júnior, Hernâni Cidade e José Régio.

A principal fonte de Aquilino residiu nas “três cartas particulares que restam do poeta”. “Não foi empresa fácil” – confessou – “são verdadeiras e intrincadas charadas, naquela forma criptográfica de dizer coisas *qui ferait rougir un singe*, e porque esse hermetismo era de moda nas letras”.

Desmontou a lendária origem aristocrática da família para nos restituir o “espadachim de velas de má nota nas horas vagas,

com entrada no paço, tu cá, tu lá com os grandes, amante feliz de umas açafatas, enamorado de outras, estro sempre pronto para glosar um mote, numa palavra um gentil homem pobre, mas invejável”.

Examinou, em pormenor, as primeiras edições d’*Os Lusíadas*. Camões escolheu António Gonçalves, com oficina na Costa do Castelo, para, em 1572, imprimir *Os Lusíadas*. Rompeu com todas as tradições da época: prescindiu de qualquer prefácio e não fez qualquer dedicatória. Apenas se lê na primeira página: “*Com privilégio real. Impresso em Lisboa com licença da Sancta Inquisição e do Ordinário.*”

Terá havido, em 1572, uma ou duas edições? Logo nas primeiras estrofes, houve alterações relevantes: erros de impressão, gralhas ou modificações que o poeta quis incluir no texto? Trinta anos após a morte de Aquilino, uma pesquisa efetuada por David Jackson – professor da Universidade de Yale – detetou *mais de duas mil diferenças*, em face da consulta de 34 exemplares d’*Os Lusíadas* de 1572 existentes não só em Portugal e no Brasil, mas noutras bibliotecas públicas e privadas dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Itália, da França, da Alemanha e da Espanha. Numa entrevista que me concedeu, para o *Diário de Notícias*, David Jackson concluiu que “*houve uma única edição em 1572, possivelmente interrompida, devido a correções realizadas pelo próprio punho de Camões.*”

Vivendo Aquilino num regime de censura, orientada por Salazar, que cortava ou proibia indiscriminadamente o conteúdo dos livros, dos jornais e das peças de teatro – tal como no tempo da Inquisição –, aproveitou a oportunidade para denunciar a atitude dúplice do censor d’*Os Lusíadas*, o dominicano Frei Bartolomeu Ferreira. Ficou claro que adotou dois comportamentos por sua iniciativa ou por ordem da Inquisição. Para a primeira edição, no entender de Aquilino, houve conversações e reajustamentos entre o censor e o autor. No despacho que exarou, pode ler-se: “*não achei neles (Os Lusíadas) cousa alguma escandalosa, nem contrária à fé e aos bons costumes.*”

A propósito das narrativas pagãs, dos versos incendiados de exaltação sexual, nomeadamente no Canto IX, relativo à Ilha dos Amores, Bartolomeu Ferreira escreveu: “*como isto é poesia e fingimento, e o autor, como poeta, não pretende mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula na obra. E por isso me parece o livro digno de se imprimir, e o autor mostra nele muito engenho e muita erudição nas ciências humanas.*” Mas, já depois da morte de Camões, para a chamada edição dos Piscos, publicada no domínio espanhol, Aquilino reconheceu “*a mão imperiosa e teologal*” do mesmo Bartolomeu Ferreira, que “*emendou, transverteu, suprimiu*” e introduziu ostensiva e arbitrariamente n’*Os Lusíadas* “*versos aleijados e de mau gosto.*”

Até Camões – Aquilino faz questão de assinalar – “*nunca a língua fora manejada com aquela agilidade e limpidez, aqueles ritmos de avena culta, com flexões novas, pedidas ao latim, que lhe imprimiram elegância, sem perda de vigor e com ganho de harmonia.*” Portanto: estamos perante duas línguas portuguesas – antes e depois de Camões.

A obra de Aquilino, agora reeditada pela Bertrand Editora num volume coordenado por Eduardo Boavida, com capa de Álvaro Carrilho e um prefácio da minha autoria, integra, pela primeira vez, um índice onomástico e um índice toponímico, para facilitar a consulta deste livro.

Através de *Luís de Camões: Fabuloso e Verdadeiro* verificamos a oposição frontal de Aquilino às efabulações que desvirtuaram a imagem do homem e a obra do poeta. Esqueceram que, em 1579, ficou gravado na sepultura: “*viveu pobre e miseravelmente e assim morreu.*” A leitura d’*Os Lusíadas*, das líricas, dos sonetos, dos autos e das cartas suscita reflexões e advertências contra as opiniões dominantes. Camões enfrenta o poder e os poderosos. Tem a coragem de esvaziar os mitos, os lugares-comuns e as ideias convencionais que se consolidaram ao longo dos séculos.

*António Valdemar é jornalista, investigador, sócio efetivo da Academia de Ciências de Lisboa, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

Arnaldo Niskier e Laura Laganá são os vencedores do Prêmio Professor Emérito – Troféu Guerreiro da Educação Ruy Mesquita 2024

Por Manoela Ferrari



O acadêmico Arnaldo Niskier foi o laureado deste ano com o Prêmio Professor Emérito 2024, iniciativa do CIEE e jornal *O Estado de São Paulo*. Na foto, com Eurípedes Alcântara, Vahan Agopyane e José Augusto Minarelli.

No Dia dos Professores, asede do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE, localizado no bairro Itaim Bibi, em São Paulo, ficou repleta de funcionários, colaboradores, estagiários e aprendizes convidados para a entrega do *Prêmio Professor Emérito – Troféu Guerreiro da Educação Ruy Mesquita 2024*.

O acadêmico Arnaldo Niskier foi o vencedor da 27ª edição do Prêmio Professor Emérito, enquanto Laura Laganá, diretora-superintendente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza recebeu o Prêmio Guerreiro da Educação. Os dois educadores somam-se ao hall de vencedores da premiação, que acontece desde 1997. Promovida pelo CIEE e o jornal *O Estado de S. Paulo*, trata-se de um reconhecimento a personalidades que contribuem para melhorar a educação brasileira. “Quem compartilha o que sabe muda a história de quem aprende”, afirmou o CEO do CIEE, Humberto Casagrande, na abertura da cerimônia.

O secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação de São Paulo, Vahan Agopyan, vencedor do Prêmio Professor Emérito 2023, falou sobre os premiados deste ano: “Arnaldo Niskier e Laura Laganá são duas referências nacionais quando se fala em educação. Tudo o que eu disser sobre Niskier não será suficiente.” Ressaltando o extenso currículo do homenageado, citou a trajetória como jornalista e escritor – “já são mais de 100 livros publicados e 20 milhões de cópias vendidas” – além da enorme contribuição para a formulação de políticas públicas educacionais: “Foi secretário de Educação no Rio de Janeiro e integrou os Conselhos Estaduais e Nacional de Educação. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1984, onde foi duas vezes presidente, e professor aposentado

de História e Filosofia da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Todas as atividades centradas na preocupação com educação. Que bom seria se tivéssemos dezenas de professores Niskier, a educação seria melhor e a sociedade teria uma vida mais digna”, completou.

Agopyan destacou a importância da homenageada Laura Laganá no processo de ampliação do ensino profissional e técnico em São Paulo, que tem hoje 330 mil alunos, “mantendo e até aumentando a qualidade”, elogiou.

O diretor de jornalismo do Grupo Estado, Eurípedes Alcântara, ressaltou que os homenageados “são exemplos vivos do que é possível quando se almeja um País mais justo, mais culto e mais preparado para o futuro”. E reforçou que os prêmios “são a expressão de gratidão e de reconhecimento a quem faz a diferença na vida de milhares de jovens e adultos através da educação”. “É também um momento de reafirmarmos a importância da educação para o desenvolvimento social e econômico do Brasil, uma causa que o Estadão historicamente sempre apoiou.”



Laura Laganá recebeu o Troféu Guerreiro da Educação Ruy Mesquita 2024, das mãos de Eurípedes Alcântara, diretor de jornalismo do Grupo Estado, e na presença também de Minarelli, diretor do CIEE.

Em seu discurso de agradecimento, o acadêmico Arnaldo Niskier, que presidiu o CIEE-Rio por 15 anos (hoje, ele é Presidente Emérito e sua filha, Andréia Ghelman, é a atual presidente), afirmou que “ser homenageado por um jornal do porte, da importância e tradição do Estadão é uma glória infinita” e expressou “sua profunda gratidão” ao CIEE. Aos 88 anos, reforçou a importância da tecnologia na formação dos professores, que precisa ser modernizada: “Temos que pensar nas novas tecnologias, na inteligência artificial, porque ela é revolucionária e veio para ficar.”

Laura Laganá, em um discurso emocionado, se disse honrada em receber o prêmio no Dia do Professor: “Essa premiação representa um reconhecimento pela nossa batalha diária de levar educação profissional de qualidade para mais de 300 mil alunos. Me orgulho de ter levado a educação profissional para dentro das favelas, para a periferia, para pessoas desempregadas, para dentro dos presídios. O Centro Paula Souza reafirma seu papel de inclusão social e capacitação dos profissionais, trabalhando a inovação, o empreendedorismo, e formando cidadãos conscientes, responsáveis e dispostos a transformar a sociedade em que vivemos.”

Entre os que já receberam a premiação estão Ruth Cardoso, Miguel Reale, Esther de Figueiredo Ferraz, Luiz Décourt, José Pastore, Hélio Guerra, Antônio Candido, Paulo Vanzolini, Paulo Nogueira, Crodowaldo Pavan, Ives Gandra, Evanildo Bechara, Adib Jatene, José Cretella Júnior, Angelita Gama, Delfim Neto, William Saad Hossne, José Goldemberg, Celso Lafer, Rubens Ricupero, Roberto Rodrigues, Fernando Henrique Cardoso, Paulo Nathanael Pereira de Souza, Raul Cutait, Sônia Guimarães, Ivette Senise Ferreira, Vahan Agopyan e Viviane Senna.

Retratos da leitura no Brasil

Getúlio Marcos Pereira Neves*

Leitura é coisa séria. Abstraídas considerações sobre formação, em geral, de caráter, de intelecto etc., a seriedade a que me refiro decorre do fato de que a edição e comercialização de livros constitui atividade econômica. Portanto, sem espaço para improvisos, porque o objetivo de ninguém – pessoa física ou jurídica – inclui a obtenção de prejuízo financeiro. Assim é que as organizações dedicadas à exploração dessa atividade econômica – exploração do mercado livreiro – planejam suas ações mediante o emprego de táticas e de práticas que lhes permitam aumentar a taxa de lucro.

Essas obviedades – perdoem-me os leitores – para tecer comentários acerca das pesquisas sobre hábitos de leitura disponibilizadas pelas tais organizações. Aliás, reunidas no Instituto Pró-livro, fundado em 2006 para fomentar a prática da leitura no Brasil. Para esse fim, desde 2001 vem sendo realizada a pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil” (a primeira delas a cargo da Abrelivros, CBL e Snel, associações ligadas ao livro e que posteriormente criariam o Instituto Pró Livro), levantamento que se presta a mapear os contornos do negócio e assim facilitar-lhe o planejamento. A última pesquisa publicada realizou-se no final de 2019, vindo a público em 2020, ano em que se iniciou a pandemia de coronavírus. Que, como se sabe, introduziria novos hábitos entre a população, desde o teletrabalho até o aumento da demanda por livros e séries televisivas.

Sendo os dados levantados nessa (5ª) edição da pesquisa sucedidos por esse acontecimento extraordinário, necessário se aguardar a próxima, que deve estar a caminho, para aquilatarmos do impacto da pandemia sobre o segmento livreiro em geral. Mas resultados parciais, no sentido de segmentados (se considerarmos esse universo maior), podem ser colhidos da pesquisa realizada no âmbito da 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2022, tocada pelo mesmo Instituto. Lá o público ouvido foram pessoas de mais de 10 anos de idade que não integravam excursões escolares, público preferencial dessa espécie de eventos. Portanto, vale dizer, pessoas que compareciam espontaneamente à feira literária. Dentre os levantados, há um dado interessante, e que não se verifica isoladamente nesse evento: a presença majoritária de mulheres entre o público leitor. Seriam elas em geral mais interessadas no universo da leitura? Recordemo-nos de que Machado de Assis, cujo estilo incluía por vezes verdadeiros “diálogos” narrador-leitor, dirigia-se preferencialmente às suas leitoras.

Enfim, o que se pode retirar dos dados estatísticos colhidos ao longo desses 20 anos? Que no período de 2000 (quando levantados os dados da primeira pesquisa, publicada em 2001) a 2019 (quando levantados os dados para a pesquisa publicada em 2020) o número de brasileiros que se diziam leitores, abstraídas variações quanto à abrangência geográfica da pesquisa e etarização do universo pesquisado, sempre apontou, ainda que ligeira, uma maior quantidade de leitoras que de leitores. Daí se consolidou a tendência de valorização de um nicho de mercado cada vez mais explorado nos últimos tempos, que é o da literatura produzida por mulheres. Se esse nicho corre o risco de saturação (que com certeza ocorrerá), no entanto é de se usufruir ao máximo da tendência, cuja hipervalorização terá uma sobrevida pela atribuição do Nobel de Literatura de 2024 à sul-coreana Han Kang.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.



Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545

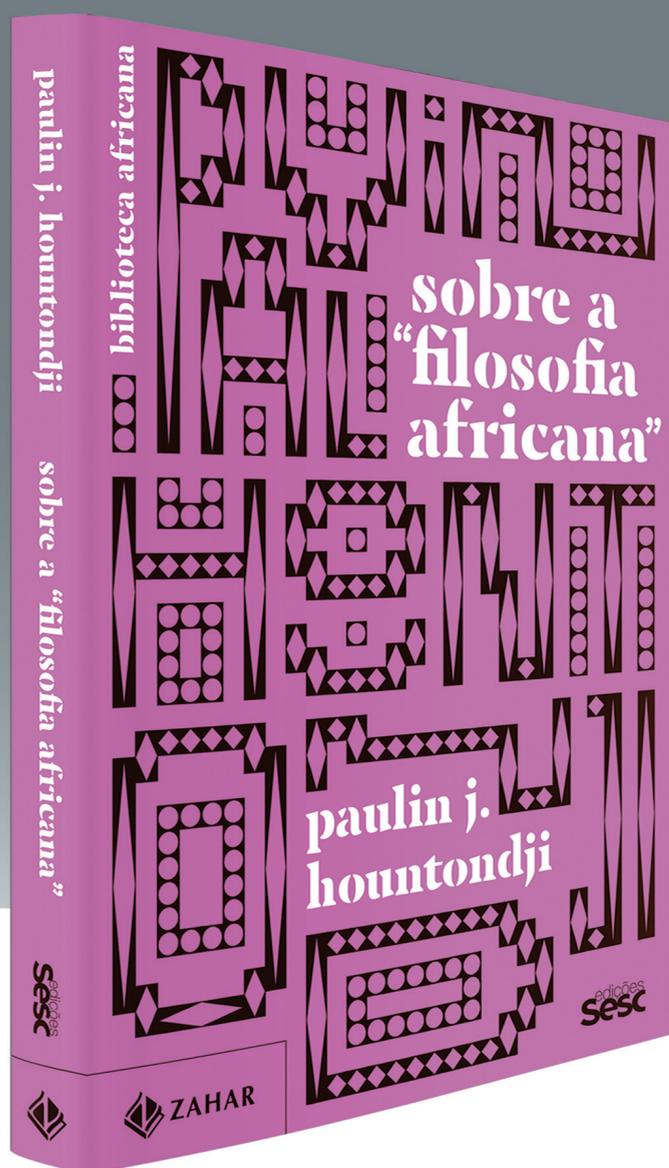
 CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br

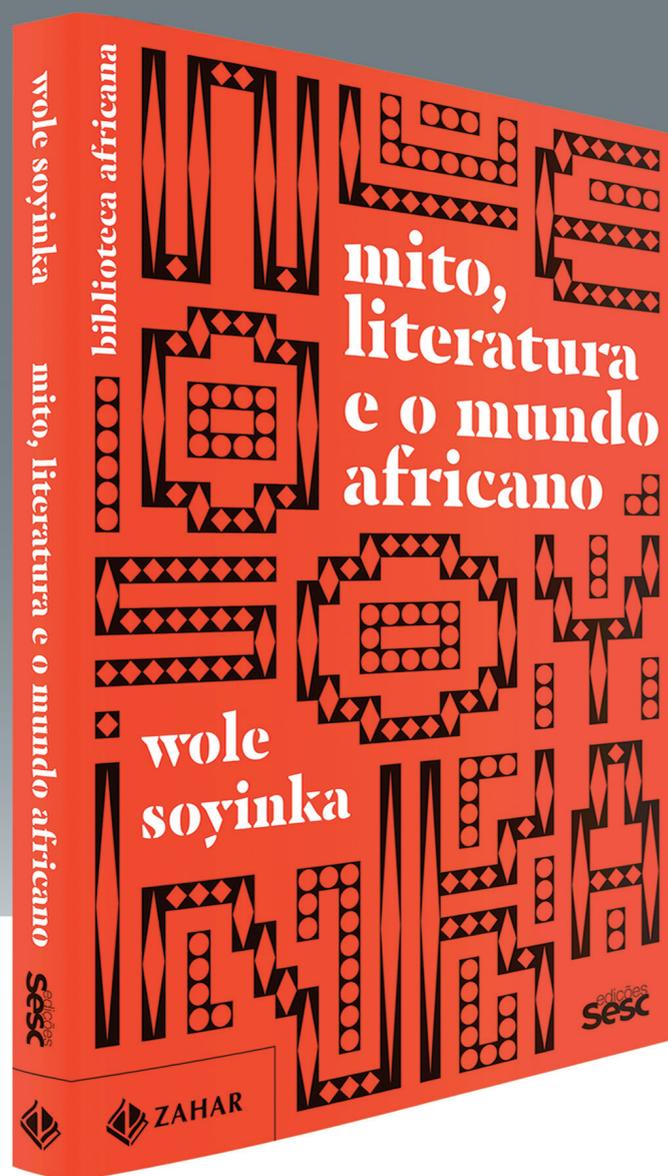
lançamento

coleção biblioteca africana

A coleção apresenta em seus dois primeiros títulos o pensamento do filósofo beninense Paulin J. Hountondji e do escritor nigeriano Wole Soyinka.



Uma defesa da África-sujeito a partir de seu protagonismo na filosofia, abrindo caminhos para a descolonização radical do pensamento.



O pensamento iorubá como um complexo sistema de valores civilizatórios que iluminam o nexos entre visões de mundo vividas no Brasil e em África, ontem e hoje.